

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

Um ambiente positivo

História de [Thatiana Aguiar Freire Silva](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 17/09/2015

P1 – Bom, Thati, pra começar, eu queria que você dissesse seu nome completo, o local e a data do seu nascimento.

R – Tá. Meu nome é Thatiana Aguiar Freire Silva, nasci em São Paulo, no dia 17 de Julho de 81.

P1 – E qual o nome dos seus pais?

R – Meu pai se chama Joaquim Celso Freire Silva e minha mãe Maria das Dores Aguiar.

P1 – E os seus avós?

R – Vamos lá. Avós paternos Igino Pedro da Silva e Maria dos Anjos Freire Silva. Na parte da minha mãe é João Lima Aguiar e Ana Aguiar.

P1 – E você teve contato com os seus avós?

R – Só não tive com a minha avó materna, ela morou quando a minha mãe tinha seis anos, então eu não a conheci. No mais, eu tive bastante contato. Eles moram longe, minha família da minha mãe é da Bahia e a família do meu pai é de Minas, mas a gente frequentemente viajava pra... viaja, né, inclusive eu acabei de voltar de uma viagem que eu revi meus avós paternos. Meu avô materno já faleceu.

P1 – E como é que os seus pais se conheceram?

R – Putz, no Norte de Minas. Minha mãe é do sul da Bahia e o meu pai é do Norte de Minas, então geograficamente próximo, né. Eles, interiorzinho, assim, os dois tem mais ou menos a mesma idade, acho que por volta de 16, 17 anos eles saíram de casa pra dar aula em uma outra cidade no interior de Minas, e foi lá que eles se conheceram. Eles davam aula no primário, minha mãe dava aula de matemática e meu pai dava aula de geografia. E eles se conheceram nessa cidadezinha. Aí depois eles vieram... começaram a namorar, vieram pra São Paulo, aí casaram e tiveram os filhos aqui.

P1 – Descreve pra mim o seu pai e a sua mãe.

R – Bom, meu pai ele é de uma região chamada Vale do Jequitinhonha, no Norte de Minas, uma região muito seca, um sertão muito... é chamado Vale da Pobreza por muitos, né, o pessoal sofre bastante, pena lá. Mas é uma região muito rica culturalmente também. Então o meu pai sempre foi muito... ele sempre teve isso muito vivo nele, né, ele é muito culto, ele gosta de música, ele gosta de pintar, ele gosta de escultura. Então ele sempre mobilizou muito a arte ali na região, comprando, depois com o passar do tempo, fazendo algumas coisas também. E batalhou muito pra conseguir alcançar as coisas que ele alcançou, né, saiu de lá, fez ensino médio por correspondência naquele Instituto Universal Brasileiro. Aí veio pra São Paulo, fez faculdade, se tornou professor universitário. Então ele foi muito guerreiro, muito batalhador pra conquistar essas coisas. É uma característica acho que de quase todos os meus tios, irmãos dele. E tem essa veia cultural, ele é um boêmio, então sempre gostou de sair, de curtir. Até hoje, um sessentão, gosta de viver a cultura da onde ele está. Ele adora São Paulo, adora... ele mora aqui, né, quer dizer, está mudando já, de volta, voltando pro interior, mas ele é bem boêmio, cultural, batalhador. Minha mãe, ela também teve essa característica, porque os dois vieram de cidadezinhas muito pequenas e eu não sei exatamente o que os mobilizou pra... qual era o acesso à informação que eles tinham

lá, mas ela também saiu muito cedo de casa, também batalhou muito. Ela adora cozinhar, adora estar perto da família, adora fazer bem, agradecer as pessoas da família, seja nós os filhos ou os agregados dos filhos, as irmãs, os irmãos; então ela é muito carinhosa e apegada à família. Acho que é isso, sucintamente.

P1 – E você tem irmãos?

R – Eu tenho muitos irmãos, vamos lá. Por parte de mãe e pai eu tenho dois irmãos, o irmão mais velho é o Thiago e o irmão mais novo é o Thúlio. Então é o Thiago, Thatiana e Thúlio, tudo com th. Por parte de pai eu tenho mais três irmãs, a Luiza, de uma relação extraconjugal do meu pai, e depois mais duas irmãs da nova mulher do meu pai. Inclusive minha irmã mais nova é mais nova que o meu filho mais velho, então ela já nasceu tia (risos).

P1 – E vocês moravam todos juntos, quando pequenos?

R – A gente morava nós três: eu, o Thiago e o Thúlio a gente morava junto desde... eu fui a primeira a sair de casa, com uns 23 anos, mais ou menos. Mas a gente morou junto toda a vida.

P1 – Descreve pra mim a sua casa de infância.

R – Minha casa de infância. Eu morei em duas casas, quando criança. A primeira era numa ruazinha bem pequena no Parque São Lucas, Zona Leste de São Paulo. Ela era uma casa... ela era pequena, mas eu lembro muito do quintal dela, de um coqueirinho que tinha no fundo, de uma laje onde a gente montava aquelas piscinas de plástico pra se divertir nos dias de calor, né. E ela era uma rua muito tranquila, então a gente tinha muito aquela coisa que muita gente fala, da infância na rua. E eu lembro... eu morei lá até os meus cinco anos, eu lembro de sair na rua com muita frequência pra brincar com os amigos ali, com os vizinhos, e fazer tudo ali no bairro. Então a minha mãe ia no cabeleireiro e eu ia junto, ia na padaria. Então tem a casa, mas eu acho que a casa é mais a rua do que a casa ali, né. Depois a gente foi pra uma casa bem maior, num outro bairro, Vila Alpina, também na Zona Leste, aí já numa rua mais movimentada, uma rua grande, um pouco mais perigosa, mas que a gente ainda... eu não brincava na rua, mas brincava na calçada da rua e nos quintais das casas dos vizinhos, né. Nessa casa eu morei até os 23, mais ou menos, uma casa bem grande. Era bem legal porque tinha muito espaço, tinha uma garagem ampla, no fundo da casa tinha um... é até engraçado essa história. Tinha um espaço que antes morava um inquilino, né, e aí quando a gente mudou pra lá meu pai falou pra mim e pro meu irmão mais velho, o meu irmão mais novo ainda não tinha nascido ainda: “Vocês querem aqui uma piscina ou uma horta?” (risos) A gente: “Uma piscina.” Meu pai fez uma horta, claro, né. Então ele fez uma horta, um pomarzinho, no fundo tinha uma churrasqueira, né. Era legal porque o meu pai sempre fazia uns processos democráticos falsos, então ele, por exemplo, ia pintar a casa e ele colocava três cores na parede e perguntava: “Que cores vocês querem?” Aí a gente sentava e fazia aquela assembleia, todo mundo escolhia o verde, só que ele queria o rosa e aí ele pintava de rosa. Então enganava a gente (risos)

P1 – Fala quais brincadeiras eram essas que você brincava na infância.

R – Ah, eu lembro muito de brincar de queimada, assim, muito mesmo de queimada, principalmente na primeira casa, que era pequenininha. E na outra eu brincava muito de amarelinha, brincava muito de... na época a gente fazia uns clubinhos, então era brincar de clube social, cada um tinha a sua função de marcar o evento, era uma brincadeira pra gente, né. E também com alguns brinquedos, algumas coisas com bola, boneca também eu brincava bastante com as minhas vizinhas, assim. O que mais? Acho que, assim, queimada num canto e amarelinha no outro, eu lembro. E era legal porque, como a gente viajava bastante, todas as férias, praticamente, a gente ia visitar a família dos meus pais, lá eles brincavam de outras brincadeiras, quer dizer, das mesmas brincadeiras, mas às vezes de outras formas. Então eu acabava fazendo esse intercâmbio. Eu lembro que amarelinha eu conhecia vários tipos diferentes indo pra lá, e trazia, enfim, levava também. Era mais ou menos isso.

P1 – E com os seus irmãos você brincava bastante?

R – Com o meu irmão mais velho, a gente tem uma diferença razoavelmente pequena, de três anos, então a gente brincava bastante de bicicleta, a gente brincava de... eu sempre fui meio molequinha, né, então ele gostava daqueles bonequinhos de plástico que vendia na feira, soldadinhos, então eu acompanha o Thiago fazendo essas brincadeiras mais de menino, assim, com bonequinho. Com o meu irmão mais novo a gente não brincou tanto porque ele nasceu eu tinha sete anos, então quando ele foi ficando uma criança mais de brincar junto eu já era adolescente, e aí já: “Aí, que saco, criança. Sai do meu pé.” Mas com o meu irmão mais velho a gente brincava bastante. Na rua, quando eu era... na primeira casa, ele sempre me acompanhava, depois aí já não me acompanhava mais. Aí eu já tinha os meus amigos na rua e ele tinha os amigos dele, e a gente brincava juntos em casa.

P1 – Descreve pra mim essas viagens de férias aí. Como é que era?

R – Então, a minha vida toda foram essas viagens pra... chama Livramento, a cidade da minha mãe chama Livramento de Nossa Senhora, é uma cidadezinha linda no sul da Bahia, interior. Ele fica a nove quilômetros da primeira cidade da Chapada Diamantina, ao sul da chapada. Então ela fica no pé da serra, mas ela já tem uma paisagem linda. E meu pai, no Vale do Jequitinhonha, aí já é uma beleza bem diferente, então era uma cidade muito mais seca, uma cidade muito... era uma cidade meio de passagem porque, onde os meus avós moram até hoje, a rodovia Rio-Bahia corta a cidade, então ela é mais feinha, assim. Só que eu tenho muitos primos, né, tanto num lugar quanto no outro. Então a gente ia, assim... eu até falei com a minha mãe agora, eu falei: “Mãe, vocês largavam a gente e vocês não sabiam pra onde a gente ia.” “Não sempre tinha algum adulto.” Eu falei: “Não tinha nenhum adulto.” Porque a gente ficava o dia inteiro na rua, brincando. Nessa cidade da minha mãe é muito legal porque a casa do meu avô ficava aqui, assim, e a rua era... era a casa assim, né, então tinha a casa no fundo, aqui né, e aqui. Tinha uma igreja, uma escola e um campo, então a gente ficava brincando de esconde-esconde, de futebol. Tinha uma quadra cimentada onde rola até hoje as

festas de São João, tanto que as férias lá são em junho por causa do São João. Então, nessa quadra, ora a gente fazia uma quadra de basquete, ora uma quadra de vôlei. Era o dia inteiro fazendo isso e só ia pra casa pra comer, né. E na cidade do meu pai também, tenho uma prima com idade próxima, então a gente cresceu e sempre que eu ia a gente brincava bastante. Aí os interesses foram mudando. Então, quando criança era essa coisa de brincar, de aproveitar o dia e, quando adolescente, mais os namoradinhos, as festinhas, né. E aí também, com a adultez, foi o meu interesse por... foi diminuindo, então era mais interesse por conta da família e menos pelas coisas que rolavam lá. Hoje eu vou com uma frequência bem menor, antes era praticamente janeiro e julho, janeiro e julho. Hoje eu vou a cada dois, três anos, mais ou menos, pra visitá-los. Mais pra visitá-los mesmo. E, claro, na Chapada ainda tem uma questão de poder viajar, subir lá. E em Minas tem essa questão da cultura também. Tem um festival super tradicional lá que se chama o Festival, todo o ano tem, numa cidadezinha. E o meu pai competia, então ele compunha, cantava, então a gente acompanhava, era bem legal.

P1 – E você já praticava algum esporte na infância, ou era mais na brincadeira?

R – Era mais na brincadeira. Sempre foi brincadeira, sempre gostei muito, sempre gostei demais.

P1 – Quais?

R – Assim, era brincadeira. Então, queimada era uma coisa que eu sempre gostei. Eu lembro que até a quarta série eu estudava num colégio de freira, né, eram 10 minutos, 15, 20, não lembro, de intervalo, e não podia correr. Então eu ficava castigo direto porque você quer correr, né, criança, 10 anos. Então a gente brincava de queimada, que era alternativa que as freiras ainda relevavam (risos) porque não corria muito, e tal. Então a gente brincava muito de queimada. E aí, quando eu fui pra quinta série, na época o chamado ginásio, aí comecei a gostar de esporte, de modalidades esportivas mais formais. A primeira modalidade que eu gostei foi vôlei, que eu comecei a jogar na escola, mas aí eu lembro que uma professora um dia deu handebol, na sexta série, eu não conhecia o que era isso até então. E aí eu me apaixonei por handebol.

P1 – Antes da gente entrar no handebol eu queria saber se você lembra da sua primeira, assim, memória de escola? Você tem a sua primeira lembrança de escola?

R – Ah, putz, eu lembro... eu tenho algumas lembranças misturadas, né, desse colégio de freira que foi onde eu comecei, no jardim, qualquer coisa assim, 3, 4 anos.

P1 – Lembra o nome?

R – Externato Nossa Senhora do Carmo, na Vila Alpina lá em São Paulo. Lá na Zona Leste, desculpa. Eu lembro de umas mesinhas redondas, eu tenho às vezes o cheiro que eu acho que tem a ver um pouco com a massinha, com o giz. Eu lembro que eu sempre fui muito cozinha na escola, sempre gostava de tirar boas notas, então eu era muito cdfinha. Eu era amiga... apesar de correr no intervalo eu era amiga das freiras, então elas me davam livros e aí eu adorava também brincar de escola em casa. Então eu tenho essa... ao mesmo tempo... eu tenho essa imagem do pátio da escola, que pra mim era gigante, né. O ano passado teve eleição e é colégio eleitoral lá, o meu irmão vota lá, eu falei: “Deixa eu ir pra ver como é que tá, né.” A escola está totalmente diferente, mas eu tenho certeza que o espaço é muito pequeno, né. Quando você é criança você... e eu achava aquele espaço grande, então é engraçado porque todo o espaço... tinha um espaço aberto que era basicamente o do recreio, então muita luz, muito sol, árvore, tal. E as lembranças que eu tenho dos espaços fechados é que eles são mais escuros, assim, mesmo as salas de aula, o pátio fechado, assim, tem essa...

P1 – E tinha alguma matéria que você gostava mais? Algum professor que você lembre?

R – Não, dos primeiros não. Do primário eu... eu falei, eu gostava muito de tudo da escola e gostava de ser boa em tudo, então eu não tinha preferências. E não tinha professora preferida também, eu não tenho nenhuma que tenha me marcado nessa época. Tem a freira diretora que eu era amiga, sabe? Que eu gostava de... ela pedia as coisas e eu adorava ser: “Eu, eu!” Aquela chata que quer fazer tudo, mas eu não tenho, assim, uma preferência, uma coisa mais marcante.

P1 – E como é que foi esse contato com a religião na infância, por ser um colégio de freira e tudo o mais?

R – Então, eu sou batizada católica, né, e minha mãe sempre foi também, tem uma coisa da religião na família importante, né, tem padre na família, tudo. Pra mim era tranquilo e eu seguia, fiz catecismo enquanto estava nessa escola. Mesmo depois que eu saí eu fui crismada e tudo, depois é que eu fui me distanciando, mas era uma relação tranquila. Eu tinha as atividades na igreja, a missa que eu ia todo o final de semana, a catequese. E tinha uma coisa engraçada porque a escola ficava ao lado da igreja, né, e ficava a uns quinze minutos a pé de casa. E pra ir pra escola alguém me levava e alguém me buscava, só que pra ir pra igreja eu podia ir sozinha. Eu falava: “Mãe, deixe eu ir sozinha pra escola.” Isso até os dez anos. Ela falava: “Não.” Eu falei: “Mas, se eu vou pra igreja, por que eu não posso ir pra escola?” Aí tinha essa coisa... do lado uma da outra, né. Mas pra mim era bem tranquilo, convivia muito bem, tinha os amiguinhos da catequese também.

P1 – E como é que foi esse encontro com o handebol?

R – Então, foi lá na sexta série, aula de educação física na escola, aquela apresentação, não é aquilo que se diga: “Nossa, que handebol!” Mas foi a primeira vez que... e comecei a gostar de jogar. Na época, a professora tinha uma alternativa de montar turmas de treinamento pra jogar os campeonatos escolares, né, então eu joguei meu primeiro campeonato escolar foi com o handebol. Depois os intercalasses da vida, assim. E me apaixonei, fiquei sempre nesse nível escolar.

P1 – Você tem alguma lembrança desse primeiro campeonato, como foi, se você ficou muito nervosa? Como é que foi?

R – Eu tenho algumas lembranças, não me lembro de nervosismo. Lembro de gostar muito, do ginásio cheio, todos os colegas lá torcendo, lembro bastante dos interclasses também, de fazer camiseta pra poder jogar, de ter um... era um time misto, então a gente tinha... tinha o lance dos meninos mais fortes, mas a gente não tava nem aí. Tinha um grupo de umas duas, três amigas que gostavam muito também, então a gente ia e jogava e não tava nem aí pra eles. Era muito legal. Isso foi durante toda essa época do ginásio. Depois, quando eu fui pro ensino médio, que aí na minha escola do ensino médio tinha um espaço um pouco maior, mais organizado, professores talvez mais envolvidos também com a prática esportiva. Aí eu conheci melhor, fui conhecendo mais a modalidade. Tinha um professor nessa escola que era um técnico de handebol, que dava aula em outras escolas.

P1 – Qual o nome dele?

R – Ricardo Faro, ele era bastante conhecido, deu aula pra muita gente porque ele foi professor de escola e também foi professor de clube. Aí comecei a jogar mais formalmente. E foi nessa escola que eu tive a oportunidade de jogar a primeira vez federada, entre aspas. Eu já era velha, mas o meu professor de Educação Física trabalhava no Alphaville Tênis Clube e, não sei exatamente qual a motivação, se alguém... se ele queria só dar a oportunidade pra gente porque via que a gente gostava, provavelmente foi isso, né. Então ele... eram duas vezes por semana o treino, eu lembro, era muito longe porque a gente morava... era na Zona Leste o colégio, mas ele ia todo dia e então a gente ia de carona com ele. E ele morava perto de casa, então também dava carona pra gente pra voltar.

P1 – E como que os seus pais encaravam esse seu interesse pelo esporte?

R – Bem tranquilo, nunca teve nenhum empecilho, nada. Também não tinha aquele: “Nossa! Incentivo.” também não tinha. Tinha a minha mãe um pouco mais, meu pai até... sempre foi muito tranquilo, assim, nunca me impediram de nada. Tanto que às vezes eu ficava o dia inteiro fora de casa, com 15, 16 anos e não tinha problema nenhum. Porque tinha os campeonatos da escola, que eu adorava jogar. Fora, a gente saía... eu não esqueço, a gente jogava muito no Baby Barioni aqui na Barra Funda e a gente ia... eu falo: “Meu, a gente fazia isso e a gente ia...” hoje a criança: “Aí, que saco, pegar ônibus.” A gente pegava ônibus, pegava metrô e ia pra jogar, voltava. Às vezes a gente fazia uma vaquinha pra pagar uma Kombi azul, que eu não esqueço que era azul, pra levar a gente pra jogar. Mas foi muito tranquilo, nunca tive... não teve um baita do incentivo, mas eles sempre foram bem apoiadores nas coisas que eu escolhi.

P1 – E mudou muito quando você passou a ser federada, assim, com relação às competições?

R – Então, eu fui uma federada em nível bem baixo, né, então era muito difícil porque era longe, eu tinha que fazer a lição da escola lá enquanto meu professor não voltava. Os campeonatos, é óbvio, eram diferentes, mas engraçado que, assim, eu adoro esporte, mas não foi algo que me conquistou muito ser federada. Não sei se também por conta do vínculo que eu tava representando, né, as meninas com quem eu jogava não eram minhas amigas, a gente se conheceu e tal. Era muito longe, um clube que eu não tinha relação nenhuma até então, né. Os campeonatos eram mais difíceis, a gente fez uma viagem que foi muito legal, o Campeonato Brasileiro no Mato Grosso, eu nem lembro a cidade, que a gente ficou um tempo lá e tal, mas foi uma experiência bem... talvez, se eu não tivesse tido essa experiência eu teria a mesma relação que eu tenho hoje, a mesma paixão que eu tenho hoje, mesmo sem essa experiência. Apesar de incentivar, de achar que tem que ser, né, enfim, as pessoas que tiverem oportunidade tem que ter mesmo, tal.

P1 – E, além do esporte, quando você foi ficando mais menininha, tal, o que você gostava de fazer pra se divertir? Onde você ia com as suas amigas? Como é que era?

R – Eu sou muito do esporte, meu, tudo girou muito em torno disso, né, então eu nunca fui muito menininha, nunca fui perua. Nossa, fazer a unha eu comecei a fazer aos vinte e tantos anos, minha mãe ficava brava porque eu só usava preto, branco e marrom, ela queria que eu usasse vermelho e rosa, eu falei: “Mãe, não.” Sabe? Nunca fui muito... não tinha essa coisa de menininha, mas tinha os amigos, a gente gostava de... sei lá, eu tinha umas amigas que a gente ia muito uma na casa da outra pra conversar, pra brincar, pra... mas, assim, o esporte... ah, tem uma coisa além, fora o esporte, que também fez uma parte da minha adolescência. O meu irmão, ele já estudava nessa escola que eu estudei o ensino médio, antes, né, e eles tinham um grupo de teatro lá. Antes de eu entrar eu comecei a ajudar o meu irmão, porque aí eu comecei a me reaproximar do meu irmão mais velho de novo, e comecei a fazer parte desse grupo de teatro com ele. Depois, quando eu entrei na escola, eu continuei, então era uma outra coisa que eu gostava de fazer, né, que eu fiz amigos e... não tinha tanta competência pra arte quanto eu tenho... isso era uma coisa, assim, porque o meu pai ele sempre teve essa veia artística, música... então era música o dia inteiro na minha casa, sempre cheio de artista amigo dele, tal. E o meu irmão seguiu totalmente esse lado e eu falei: “Sou uma ótima apreciadora, porque eu não tenho...” Eu lembro que o meu pai... eu tinha sete anos e meu pai me colocou numa aula de violão, só que ele e o meu irmão iam juntos. O meu irmão ia e blá blá blá e eu déin déin déin. Aí um dia eu me machuquei na escola e inventei que... machuquei, bati a mão, falei: “Nossa, pai, não posso nunca mais tocar violão (risos) porque eu to com a mão machucada.” Então eu sempre fui uma apreciadora da cultura e da arte, mas eu nunca tive competência. E o meu irmão, total, né. É engraçado que teve algumas vezes... teve uma vez, até um artista amigo do meu pai, eu estava jogando na escola e quebrei o dedo, enfaxeiei, fiquei engessada, aí um amigo do... era uma festa que meu pai tava fazendo em casa. Por conta disso que eu falei que o meu pai é boêmio, porque sempre tinha festa em casa e tal. E aí esse amigo do meu pai me perguntou: “Ah, o que você fez no braço?” “Ah, eu quebrei o dedo jogando handebol.” Ele: “Ah, que pena, achei que era dedilhando o violão.” eu fiquei com tanta raiva dele, achando que ele estava desmerecendo o meu gosto por esporte, né, porque eu não tinha essa afinidade toda com a música, como o meu irmão, e tal. Fiquei com uma raiva, mas passou. (risos) Mas acabava girando tudo muito nisso, nessas brincadeiras de rua, assim, na questão do esporte, eu não tenho uma lembrança de outras atividades.

P1 – E esse grupo de teatro aí?

R – Ah, era divertido, era um grupo completamente amador, eram os alunos da escola, era incentivado por uma professora de português que tinha estudado teatro no mestrado dela, mas ela tinha estudado texto, né, literatura, e ela dirigia nossos espetáculos. A gente fazia Shakespeare, fazia tragédias gregas, umas coisas assim. Era bem legal porque a gente tinha... todo sábado tinha o ensaio, tinha correria atrás de cenário, de figurino, né, e tinha bastante gente. Então tinha o que cuidava da iluminação, o que cuidava da trilha... o meu irmão já fazia a trilha sonora dos espetáculos, ele também atuava, assim. É engraçado porque agora, com Whatsapp, as pessoas se encontraram e tem um grupo de Whatsapp, que eles não calam a boca até, é o grupo que mais fala. Então a gente se reencontrou algumas vezes, assim, foi bem legal. Todos mais velhos que eu, alguns não porque alguns acabaram... alguns estudaram comigo na mesma época, mas uma parte mais velhos que eu. Pra minha mãe, ela até fala hoje que foi um alento na vida dela porque eu não tinha amigos. Eu tinha amigos, né, mas eu me aproximei desses amigos do meu irmão e ela ficou mais tranquila porque eu devia ter uns 14, 13 anos, acho que todo pai fica meio tenso, né, nesse momento x da adolescência aí, né, mas foi isso, era...

P1 – E como é que foi essa época de vestibular, a escolha do curso?

R – Tá. Eu achava, quando eu entrei no colegial, eu achava que eu ia fazer alguma coisa na área de exatas, sempre gostei de esporte, adorava as aulas de Educação Física, mas nunca tinha passado pela minha cabeça, né, porque eu sabia que eu não queria fazer Educação Física. Eu adorava o meu professor, adorava mesmo, mas eu não queria dar aulas de Educação Física, a visão que eu tinha era da Educação Física escolar. E aí eu tava pensando: “Ah, eu vou fazer Engenharia.” Aí uma amiga minha queria fazer arquitetura e a gente fazia planos de montar um escritório juntas depois e tal, mas eu nem sei, eu falei: “Por que, né?” Eu sabia fazer conta? Eu não sei nem porque, porque eu sempre gostei de... é o que eu falei, eu gostava de muitas disciplinas na escola, não tinha muito... enfim, tava com essa ideia na cabeça. Aí era... eu tava no meu segundo colegial, se não me engano, numa dessas tardes na casa de uma amiga, que a gente costumava fazer, ela estava com aquele Guia Abril do Estudante, e aí eu folheando, tal e pá: esporte, aí eu falei: “Nossa!”, na hora em que eu bati eu falei: “Pronto. É isso que eu quero fazer.” Então eu li a descrição, falei: “É isso.” Tive certeza ali que era isso que eu queria fazer, era esporte, tanto que eu nem... eu não prestei Educação Física em nenhum outro lugar porque aqui em São Paulo só tinha esporte na USP, eu falei: “É isso que eu quero fazer, não tem chance de eu fazer outra coisa.” E foi muito perfeitinho, falei: “É isso mesmo que eu quero fazer.” O meu pai trabalha até hoje em uma universidade em São Caetano, na época chamava IMES, aí ele falou: “Filha, faz alguma coisa no IMES.” Eu falei: “Não, pai, não tem nada que eu quero fazer.” Não tinha nem Educação Física lá. Ele ficou enchendo tanto o meu saco que eu cheguei a prestar jornalismo lá; prestei, passei e comecei a cursar, mas junto com o curso aqui de esporte, então rapidinho, uns dois, três meses eu já desencanei porque aqui era o dia inteiro, era em São Caetano, era uma loucura, né. E eu tinha certeza que o que eu queria era fazer esporte. O que eu imaginava fazer era ser treinadora de handebol, e aí eu falei: “É isso que eu quero fazer, e ser treinadora de... assim, de jovens e adultos, né, eu não me imaginava trabalhando com crianças porque eu não sei se eu tinha a questão do meu irmão mais novo, eu falei: “Aí, que saco, criança é muito chato, sai pra lá. Eu quero trabalhar com gente que...” Aí fiquei, tava com essa ideia na cabeça, assim. E aí, por... como eu tinha escolhido esporte, só tinha na USP, né, então eu tinha que... e, assim, eu sempre gostei de ser boa aluna, sempre tirei ótimas notas, adorava esse status de boa aluna, só que eu odiava estudar, assim, fora do horário. Então eu, apesar de falar muito, de fazer piada demais, eu sempre gostava de me concentrar durante a aula pra que aquilo bastasse, então também não passava pela minha cabeça, por exemplo, fazer cursinho. Eu não concebia a ideia de ter que fazer cursinho pra entrar na faculdade, então eu falei: “Meu, vou ter que... não quero nem saber, vou ter que prestar e vou ter que passar.” Então o que eu fiz? Eu comecei a estudar por conta em casa, depois da aula, só que no ano em que eu entrei aqui o Esporte tinha uma prova prática. E eu sabia como era porque o meu pai tinha um colega professor, colega de faculdade dele lá no IMES que também era professor aqui. Ele me contou como que era a prova, me deu algumas dicas pra treinar. Aí eu comecei a fazer academia, comecei a nadar, comecei a correr e era todos os dias. Então, sei lá, eu saía da escola, tinha handebol ainda, fazia alenão, nossa, um monte de coisa. Então eu ia pra academia, chegava em casa e eu ia estudar. Eu capotava, eu dormia direto, babava em cima dos livros, mas eu acho que como eu sempre fui boa aluna mesmo estudando em escola pública, eu fui super bem nas provas e consegui passar tranquilo.

P1 – Você lembra do dia do vestibular?

R – Lembro. Lembro que eu fiz lá na minha escola, né. Eu lembro que em uma época, na escola, eles dividiam por sala ambiente, e eu lembro de ter feito... a primeira foi na sala de história e eu adorava história, eu adorava o professor de história. O professor de história era um ranzinza, sabe? Um cara super bom, mas um ranzinza de saco cheio, escola pública, aluno mala, mas eu me divertia com ele, acho que esse jeito ranzinza dele... e eu fiquei tão feliz que eu fiz lá o primeiro dia de provas, né, que eu lembro de chegar no outro dia toda feliz: “Professor, eu fiz na sala de história a primeira prova!” Eram dois dias de prova, né. Eu não me lembro onde foi a segunda, mas eu lembro muito bem de chegar contando pra ele toda feliz, já tinha saído o gabarito, eu já tinha ido relativamente bem. E eu lembro, assim... eu sei até hoje, quase todas as disciplinas eu sei quantas que eu acertei em cada uma, de tão nória que eu sou com essas coisas de avaliação, de escola e tal. Mas eu lembro de contar pra ele: “Professor, eu fiz quinze de história!” Eram vinte, eu toda feliz, toda querendo... até parabenizar, reconhecer o trabalho dele ali, né. Nervoso, eu acho que eu nunca fiquei muito nervosa nessas situações, sou tranquila, eu gosto de fazer rápido, não tenho paciência também pra ficar horas pensando. Então eu lembro de algumas questões, principalmente de física, eu tinha que ler dez vezes e isso me irritava. Só que eu: “Não sei? Tchau, sai da minha frente, deixa eu ir pra próxima.” Então eu lembro com tranquilidade do dia da prova. Minha mãe, toda tensa: “Tem que chegar antes.” Eu: “Não, mãe, se é duas, cinco pras duas tá tudo bem.” (risos) Eu sempre fui muito tranquila com o horário, com essas coisas relacionadas à avaliação, mas eu lembro bem, assim. E da segunda fase também foi muito legal a memória porque a prova de português também foi lá na escola, tudo, a prova... a redação, eu lembro, eu tenho a imagem aqui na cabeça. E na segunda fase tinha a prova prática aqui, né, na Escola de... na EEFÉ mesmo. Eu lembro direitinho das provas, lembro dos rostos até, que estavam ali junto comigo. A maior pressão, comparação entre uma outra. Eu lembro que a gente foi começar e aí eles: “Ah, quem quer primeiro?” E todo mundo dá um passo pra trás, eu falei: “Ah, eu vou, vai. Porque aí já acaba logo com isso.” Foi ótimo porque eu acabei rápido, fui embora rápido, não vi as outras meninas fazendo porque... eu lembro de uma nadando... tinha uma prova que era 100 metros de natação, né, e era o tempo que contava. Tinha uma que não sabia nadar e ela fez os 100 metros nadando de costas, só batendo perna, eu falei: “Gente, ainda bem que eu não vi isso, já passei. Porque senão (?) eu ia ver essa menina fazendo isso e ia ficar nervosa, não sei se eu ia conseguir desempenhar tão bem.” Enfim, foi isso.

P1 – Você se lembra do momento em que saiu o resultado?

R – Lembro, lembro. Na época a gente não tinha... quer dizer, nem sei se tinha, a gente não tinha muito acesso à internet, não tinha em casa, né. Aí eu liguei, tinha um telefone acho que era da Folha, né, ou saía no jornal o telefone, não lembro. Antes de sair no jornal você podia ligar pra saber. Aí era um dia de manhã, a minha mãe estava cozinhando, o meu pai devia estar trabalhando, porque ele não estava em casa, eu liguei e falou que eu fui aprovada. Nossa, aí eu dei o maior berrão, falei: “Thiago...”, meu irmão mais velho, “...passei!” Ele já estava, né, já estava fazendo FFLCH, na época, ele: “Jura?”, ficou todo feliz também e aí ele queria ligar de novo pra escutar. Foi muito legal, foi a maior festa, foi muito legal. Depois eu vi no jornal e tudo. É engraçado, é uma grande conquista. E por conta... eu faço uma comparação: tanto o acesso à universidade quanto a formatura, pra gente representa... pra mim, lá em casa, pro meu irmão também, representou uma grande conquista, mas eu sempre comparo essa conquista, a minha conquista e do meu irmão, por exemplo, com a conquista dos meus tios e dos meus primos. Como eles... foi tão difícil, tão sofrido, pra eles é uma coisa uóóóááá, muito maior, né. Então, pra gente é legal, é bacana, mas eu vejo, nossa, o valor que eles dão de passar no vestibular, numa faculdade às vezes mais simples, nem tão boa, com tantos recursos, e conseguiu se formar, é uma coisa, assim, tão óóóó que às vezes até eu: “Puxa, grande coisa eu ter passado. Eu tive acesso a tanta coisa que talvez... (risos)”

P1 – E do tempo de faculdade?

R – Putz, foi muito bom, muito bom. A gente ficava praticamente o dia inteiro na... eu morava na Zona Leste, então eu vinha pra cá, demorava uma hora e meia de ônibus, mais ou menos, pra chegar. Às vezes vinha com o ônibus normal, mas como eu morava perto de São Caetano eu ia até São Caetano pra pegar um fretado pra vim pra cá, então era bem cansativo. E como nosso período era integral, apesar de ter várias janelas, eu ficava o dia inteiro na faculdade, queria ficar mesmo. Às vezes eu nem tinha aula de manhã e eu vinha pra ficar aqui. Porque tinha, não sei explicar, tinha essa... por ficar aqui o dia inteiro, as relações, o astral, o estilo das pessoas, não sei se tem a ver com o curso, com a escolha, viver o esporte, competir pela faculdade, tudo isso era muito bom. Eu mantinha essa coisa de querer ser boa aluna, tinha algumas dificuldades em algumas disciplinas e tal, mas sempre quis... gostava de estudar, gostava de estar tranquila com as avaliações e ver o que a universidade proporcionava. Eu falo, né, o nosso... o curso de Esporte era um curso relativamente novo, começou em 92 e eu entrei em 99, então tinha várias falhas, várias questões pra gente julgar, até curriculares, metodológicas, enfim. Mas toda a oportunidade que universidade oferece não tem preço, então, desde as coisas mais pequenas... pequenas? Eu não sei se são pequenas, mas por exemplo esse convívio que a gente tinha diário, as mesmas carinhas todos os dias, o dia inteiro, até cursos e outras... intercâmbio, outras oportunidades que a escola oferece, que a universidade oferece, foram ótimos. Também conheci meu marido, foi aqui que eu conheci meu marido, então também tem uma questão sentimental muito forte. Grandes amigos, grandíssimos amigos que eu tenho até hoje, tenho muitos amigos da época de faculdade. Foi aqui, por conta da faculdade, que eu conheci aqui o PRODHE também, eu fiz um intercâmbio pra Portugal por conta da faculdade, então a EEFÉ foi... volto aqui com frequência, seja pra ir na biblioteca, seja pra jogar handebol com as meninas, porque tem um bate-bola, sabe? Eu gosto muito, gosto muito mesmo. Fiz mestrado depois, então eu vivi bastante mesmo a EEFÉ, mesmo morando lá na Zona Leste e vindo pra cá todos os dias.

P1 – Então vamos a EEFÉ por etapas.

R – Tá. É, porque aí tem bastante coisa.

P1 – Thati, fala pra mim como é que foi o seu contato com o esporte universitário.

R – Então, vamos lá. Eu já tinha essa coisa de praticar esporte, defender a escola e tal. Quando eu entrei aqui eu já estava com o handebol na cabeça, aí, quando você entra, pelo menos na EEFÉ, e acho que nas atléticas mais fortes deve ser isso também, todo mundo já fica de olheiro, né, já vê onde você jogou, se você não jogou, pra fazer parte da equipe, tal. Então já me fisgaram ali: “Joga handebol?” “Jogo.” “Então ótimo, vem treinar com a gente.” Mas o primeiro momento legal foi o BICHUSP, que é o campeonato de calouros, que é divertidíssimo e eu joguei tudo, quer dizer, quase tudo. Joguei handebol, óbvio, futsal, vôlei, basquete. Basquete foi muito legal porque... eu tenho uma história com o basquete também, mas eu nunca gostei de jogar basquete até então, só que, como eu sempre gostei de competir, eu queria competir, então: “Tá, eu jogo basquete.” Só que tinha treino pro BICHUSP de basquete e eu falei: “Aí, que saco, eu não gosto.” Mas pra eu jogar eu tinha que treinar, né, então eu ia treinar. E aí eu joguei, era armadora, só que eu jogo handebol, então alguns movimentos meus são do handebol, então eu bato bola assim, por exemplo, super longe do corpo, não protejo a bola. Então eu lembro de passar momentos de terror, por exemplo, pra passar do meio da quadra batendo bola. Só que, enfim, por jogar handebol também tinha algumas coisas. Tinha uma pivô ótima no nosso time, então a minha estratégia era bola nela e pronto, a gente ganhou e tal. Nadei, na natação foi engraçado também porque eu nadei revezamento e saí nadando costas, assim, né, tava super bem e tal, e de repente eu enrolei na raia, atrasei e a gente ficou em quarto lugar, eu fiquei me culpando: “Foi minha culpa.” Enfim, tudo começou no BICHUSP, mas aí eu me envolvi muito de novo. Então eu acho que tem... esse meu envolvimento com o esporte também, com o gostar de competir, tem a ver também com esse lance de vestir a camisa, essa relação muito forte com a faculdade. Minha vida com o handebol foi durante todo o curso. Todo o tempo que eu estive aqui... fui diretora de modalidade, cuidava das coisas, sempre gostei... chamava todo mundo pra jogar, corria atrás de técnico, então sempre foi muito forte mesmo. Os times foram mudando, a gente teve times muito bons. Eu acho que eu aprendi a jogar mesmo handebol aqui na faculdade, então eu cheguei no meu nível... “Ah, você foi atleta?” “Eu fui... ó, joguei federação, mas não conta.” Eu fui uma boa atleta universitária. Jogo até hoje com umas amigas que jogaram à época, jogaram comigo aqui na mesma época, tal. E também fui técnica aqui na USP, aqui eu fui da ECA e da FAU. Aquela coisa de querer ser técnica de handebol, não era muito a minha praia, mas eu fui, experimentei, foi legal também. Particpei do esporte universitário, tanto representando a EEFÉ, a seleção da USP também, que foi uma coisa que veio mais pro final do curso, mas também foi muito legal. Viagens, garotas de faculdade que a gente só competia contra e agora competia com, foi muito legal também.

P1 – Fala um pouquinho desse seu envolvimento com a Atlética. Você falou que foi diretora de modalidade, como foi? Você entrou? Te procuraram? Por que dessa vontade de ir pra Atlética?

R – Tá. Então, no meu primeiro ano eu tinha essa coisa de querer fazer. É difícil ter quem queira fazer, então me fisgaram pra ser diretora de modalidade logo no começo, bixete, Eu lembro que nesse ano eu até ganhei, que na EEFE tem, não sei se tem ainda, os Melhores do Ano, e tinha os prêmios, inclusive pro melhor diretor de modalidade. Eu ganhei, fiquei toda feliz. Meu marido hoje, na época era o diretor do basquete e ficou muito bravo porque ele achava que ele merecia, tal, e ele já era veterano, enfim. Então me fisgaram ali e eu gostei de fazer. Aí, como eu fiz um bom trabalho como diretora, o pessoal que montou a chapa da Atlética, que era na verdade... nem sei se teve concorrente, mas enfim, se candidatou pro ano seguinte, me chamou pra fazer parte da Atlética, da diretoria da Atlética, então eu fui, lógico. Adorei. Na hora eu me empolguei bastante, foi muito difícil no ano seguinte porque é a maior responsa, parece que é bobagem, mas não é. Foi um ano pra mim que eu comecei a fazer estágio, então foi bem cansativo, mas eu sempre gostei muito e fiquei esse ano. Foi um ano bem difícil, mas mesmo depois, fora da Atlética oficialmente, eu sempre gostei muito de ajudar porque eu gostava de ver a coisa andar, gostava de ver a coisa funcionar. Tinha essa coisa de paixão mesmo, de amor, e torcia, torcia pra todas as modalidades, vinha... meu, morando na Zona Leste, vinha assistir o jogo do basquete. Tudo bem que tinha meu marido (risos). Ou vinha e ia assistir, sei lá, o campeonato de nataçao, então eu sempre tive muito isso. Não fiz parte de bateria, nada, mas sempre tava berrando com essa voz estridente lá (risos), gostava muito.

P1 – Duas coisas: qual é o nome da Atlética aqui da EEFE? E você lembra das cores, tinha algum grito, alguma coisa assim?

R – Vixe Maria, é Ruy Barbosa o nome da Atlética, Associação Acadêmica Ruy Barbosa, um lobo era o mascote. As cores eram azul e verde, se não me engano, azul e branco. Eu acho que as cores oficiais da Atlética, que está no estatuto eram verde e branco, mas depois colocaram azul, assim. Tem vários cânticos, tem uns feios e uns bonitos (risos), vocês querem que eu cante?

P1 – Se você se sentir à vontade.

R – Ai, ai, ai. Tem um tão besta, cheio de... porque o InterEEFE era o momento em que você mais exaltava porque tinha a rivalidade com as Atléticas daqui, a Medicina, a Poli, mas... aí tinha os gritos mais específicos, mas o InterEEFE era o momento em que tinha até caderninho com todos os cânticos, né. Aí tinha um que era muito tosco que até hoje, às vezes, se a gente se encontra em uma balada é capaz que a gente se junte e cante, que é assim: “É uisque...” Não tem nada a ver, né, o pessoal de esporte e educação física, mas tudo bem: “É uisque, é uisque, é uisque, pinga, já! Cer-ve-ja! Rum, cachaça, rum, cachaça, vodca. EEFE-USP, EEFE-USP, EEFE-USP on the rocks! Pinga ni mim, pinga ni mim!” Era isso. Eu, por exemplo, nunca bebi mas cantava igual a uma louca (risos).

P1 – Fala um pouco dessa experiência das competições. Você comentou do InterEEFE. O que é o InterEEFE? Como acontecia?

R – O InterEEFE era, acho que se extinguiu até, era um campeonato entre as faculdades de Educação Física, acontecia num feriado prolongado no interior de São Paulo. Então era animal, viajava, ficava em alojamento, aquela baderna, Jesus! Eu fico imaginando quando vai chegar a hora do meu filho fazer isso, que desespero (risos). Enfim, você tem as competições de várias modalidades. A EEFE era muito tradicional, apesar de ser pública, tinha... porque muitos bolsistas faziam as faculdades, mas a gente... até mais ou menos na minha época, tinha um perfil bastante esportista. Hoje eu acho que não é tanto assim, mas tinha o perfil bastante esportista, assim, de ex-atletas que vinham fazer o curso. Então, geralmente as equipes eram muito fortes pra competir. Eu sempre jogava handebol, claro, porque era a minha paixão, mas eu sempre procurava fazer uma outra coisinha. Porque sempre tinha a história da menina que ia lutar judô na categoria pesado e não tinha ninguém, e ela ganhava medalha e pontuava, sabe? Eu falei: “Então eu vou.” A primeira modalidade alternativa que eu fui foi pro caratê, fazer kata. Tenho várias medalhas, individual, equipe. Era só decorar o movimento, não tinha dificuldade nenhuma, inclusive a foto que eu mostrei com o meu marido, eu tava com uma blusa mas eu tava com a parte debaixo do quimono porque eu tinha a competição de caratê. Depois, no meu último ano foi judô e jiu-jitsu, foi engraçado essa história também. Era isso, era uma baderna generalizada, mas apesar de baderna era muito... a gente era muito competitivo, assim, eu nunca fui de beber muito nas festas, bebia um pouquinho mas eu não perdia também as baladas. Então eu ia pras baladas. No ano da Atlética foi mais chato, porque aí tem que ser mais chatonildo, não pode deixar a coisa degradingolar. Mas eu sempre curti muito, tanto a festa quando a competição, a gente adorava. A EEFE era, no meu primeiro ano, acho que ela foi pentacampeã do InterEEFE, assim, tinha uma história vitoriosa nos InterEEFEs. Aí a história, enfim, foi morrendo um pouco, hoje eu acho que nem tem Inter EEFE mais.

P1 – E como é que foi essa convocação pra seleção da USP?

R – Nossa, isso foi uma coisa interessante. Por que? Eu sempre jogava aqui, fazia até um curso de handebol que tinha pra qualquer pessoa, aqui no... porque aí eu me aproximei das meninas das outras universidades, mas não era seleção, você se inscrevia e jogava. Só que aí, em 2002, eu tava no meu quarto ano... isso, eu fui pra Portugal fazer um intercâmbio, aí depois a gente conta essa história. E foi bem no ano em que se instituiu a seleção da USP, eu fiquei muito mal. Porque tinha um campeonato... no ano anterior eu já tinha competido, era um campeonato... chamava Copa Unisinos, que é no sul, me parece que é um campeonato tradicional universitário, assim, só que eu tinha ido competir atletismo, porque tem o atletismo na minha história também. Lançamento de dardo, ganhei medalha de bronze. Essa história aí é legal também, depois eu conto. E no ano seguinte foi o primeiro ano em que eles montaram seleções das modalidades coletivas pra competir na Unisinos, mas a Unisinos era no segundo semestre. E criaram um campeonato, tipo Unisinos, aqui, se chamou TUSP. E foi bem no semestre em que eu estava fora, eu fiquei muito depressiva, falei: “Não acredito que eu perdi.” Enfim, aí montaram a seleção da USP, rolou esse TUSP. Quando eu voltei eu estava muito ansiosa e falei: “Puxa, minha chance agora de ir pra seleção da USP pra jogar o Unisinos é muito pequena, já não joguei o primeiro semestre, tal.” E eu lembro que o técnico da seleção... eu não lembro se, na época, ele era nosso técnico ou se ele já tinha sido, mas era um cara da EEFE, né. Eu lembro que eu estava super ansiosa de olhar, de... acho que saiu aqui no CEPE e saiu lá no mural da EEFE também, de olhar e meu nome tava lá, eu fiquei toda feliz. E aí eu fiquei na seleção da USP em 2002, 2003 também e cheguei a treinar junto com a seleção depois, quando eu voltei pra fazer mestrado aqui também. Era legal porque os treinos eram mais densos, digamos assim, mais consistentes, tinha mais gente e também era uma coisa que a gente gostava muito, de representar a universidade. Foi bem legal.

P1 – Fala pra mim dessa sua experiência de intercâmbio.

R – Outra coisa bacana. Então, em 2001 começou a rolar esses intercâmbios da EEFÉ, porque muitos professores tinham feito doutorado fora e aí, eu não sei exatamente como, começou a se formalizar essa oportunidade de intercâmbio. Na época, na EEFÉ, tinham duas situações: em Colônia, na Alemanha e no Porto, em Portugal. 2001 foi o primeiro ano que vieram.. agora eu estou confusa se foi em 2001, acho que foi 2001. Vieram dois portugueses pra cá e no semestre seguinte foram três brasileiros pra lá. Bom, não lembro bem, não sei se eles chegaram.. acho que eles chegaram.. eles chegaram a conviver juntos, não foi simultâneo, não. Vieram os portugueses, um português super gente boa, um deles, eu falei: “Você é brasileiro, você não é português, meu.” Super descolado e tal. E aí lançou o edital pra se candidatar e eu queria muito, achava que ia ser muito legal, eu tava na dúvida se eu tentava ir pra Colônia ou pra Portugal. Conversei com um professor e ele falou.. por que Colônia? Porque eu já tinha feito alemão na adolescência, mas não falava uma palavra depois de quatro anos sem pronunciar uma palavra. Mas já tinha estudado alemão, fiquei pensando que ia ser legal, mas o Porto tava... a relação estava mais consistente com a universidade e ele achou que podia ser pro Porto. Enfim, me candidatei, meu namorado, à época, também se candidatou, a gente tava numa expectativa: “Vamos juntos pra Europa. Uhu!” (risos), mas ele não foi aprovado e eu fui. E aí fui eu, uma amigona minha, assim, amiga superamiga, a Roberta, e uma outra garota da faculdade. Aí, na hora eu fiquei superfeliz, mas ao mesmo tempo rolou um baque. Eu lembro que eu fiquei sabendo mas não contei pro meu namorado. Ele estava dando treino no CEPE e eu vim contar pra ele. Só que nisso, eu estava cruzando com ele e um colega, que era... que tinha feito a primeira vez o intercâmbio, que tinha ido pra Portugal, me viu e no mesmo momento ele: “Thati, parabéns!” eu falei: “Nossa, você acabou.” Aí o Luís ficou puto, mas eu: “Eu vim te contar.” Enfim, ele ficou bravo porque não ficou sabendo por mim e porque ele também não tinha sido aprovado. Enfim, aí a gente foi. Ainda era muito... muito não, um pouco incipiente, comparado com a condição que hoje os intercambistas tem pra ir pra lá, então a gente pagou passagem, a gente teve que correr, assim, tudo muito rápido, porque era pra viajar em janeiro, isso era final de ano, então correr atrás de visto, passaporte. Eu nem passaporte tinha porque eu nunca tinha viajado pra fora. Grana: “Pai, pelo amor de deus, paga passagem pra mim.” A gente conseguiu um preço bom na época, eu lembro que a gente ficou pesquisando, tudo. A relação com o namorado: “E agora? Socorro, o que vai acontecer?” aquela choradeira toda. Mas foi muito bom ter ido com a Roberta, né, que é uma amigona minha mesmo, já era da minha turma na faculdade, então foi muito bom. Foi legal porque eu já tava começando a estudar, naquela época, as modalidades coletivas, né, as estruturas, as características, os jogos coletivos, que é um forte lá. Eles tem um centro de estudos de jogos esportivos lá, então foi muito bom porque aí eu pude ter contato com os professores... com os caras que eu estava lendo aqui, pra escrever a minha monografia. Também comecei lá a me... eu já tinha feito estágio com criança... porque eu não sei se eu falei, eu queria ser treinadora de handebol de jovem e adulto, né, mas no meu primeiro estágio com criança eu falei: “Não, não é com adulto que eu quero trabalhar, é com criança mesmo.” Então lá tinha um professor muito bom pra treinamento infante-juvenil, então foi muito legal. Essa experiência acadêmica foi muito forte pros meus interesses, naquilo que eu tinha mais afinidade, que eu gostava mais de estudar e de fazer também, foi fantástico. E todas as outras coisas. Eu acho que, por eu estar namorando, eu fiquei muito presa e acabei não aproveitando outras coisas que eu podia aproveitar. Eu fiz um estágio lá, que foi legal, no Futebol Clube do Porto, com handebol, com a equipe adulta que, na época, tinha um treinador que eu não sei se era sérvio ou montenegrino, que na época ele era um iugoslavo, que tinha sido campeão olímpico, então, nossa, foi uma baita oportunidade super legal. E naquele ano eles foram campeões nacionais, a gente acompanhou de perto, foi muito gostoso. Viajamos um pouco, mais pra Espanha, mas eu já queria voltar, então eu não esqueço que a gente marcou a nossa... tentou adiantar todas as nossas provas, eu enchi o saco da Roberta, porque a Roberta não ficaria pra viajar também, falei: “Rô, vamos marcar, vamos antecipar as nossas provas pra gente poder voltar pro Brasil.” Aí a gente antecipou as nossas provas, só que a final do campeonato português era melhor de três jogos. Aí o Porto ganhou a primeira, perdeu a segunda e o terceiro jogo estava marcado pro dia 10 de junho e a nossa passagem estava pro dia 11, alguma coisa assim. Não sei porque cargas d’água eles remarcaram o jogo pro dia 11, e a gente já tinha comprado a nossa passagem. Então a gente ia perder o jogo decisivo, depois de ter feito estágio, assim. Eu lembro da gente se lamentando com nosso professor: “Nossa, professor, não acredito, não sei o que.” Na época eram 100 dólares pra remarcar, barato até se pensar, mas a gente não tinha mais um puto no bolso. E o professor foi lá e mudou pra gente, bonzinho, mudou pra mim e pra ela. Aí a gente conseguiu assistir a final do campeonato, eu lembro que, assim, onde você está era a linha lateral da quadra e eu estava aqui sentada. Uma vontade de sair correndo no final do jogo no meio da quadra., foi muito legal. Aí a gente conseguiu então assistir e voltar pro Brasil. Mas é isso, eu queria voltar tanto que acabei não viajando, aproveitando tanta coisa. A gente fez algumas viagens menores lá, aproveitei enquanto estava lá, mas eu poderia ter... assim, finalizei os meus compromissos acadêmicos e eu queria voltar, por conta dele. Mas ainda assim eu acho que foi muito bom, academicamente, sem dúvida, todos os contatos que eu fiz. Depois reencontrei esses professores nos congressos, voltei prum congresso lá no Porto, alguns deles me ajudaram no meu mestrado, então isso foi bem positivo.

P1 – E como é que foi essa experiência de treinadora aqui, de times da universidade?

R – Ah, foi legal, mas serviu de fato pra bater o martelo que não é a minha praia. Apesar de ter sido meu sonho inicial, minha motivação inicial pra escolher o curso, eu vi que... eu gostava muito de dar treino, então eu tinha muito esse lance de formação, que isso com a criançada que eu descobri, né, como eu gostava de trabalhar com a criança e contribuir na formação. E com os universitários acabou... adorava também dar o treino, ensinar e tal, só que na hora do jogo eu era muito ruim, estrategista, sabe? Eu não era uma boa treinadora nesse sentido. Então eu era boa no treino, mas não era boa no jogo, sabe? Mas, enfim, levei... acho que eu fui da ECA por um ano, mais ou menos, um ano e pouco. Eu parei pra ir Portugal e aí a gente deixou com dois colegas nossos da equipe. Inclusive a Roberta trabalhava comigo. Depois, quando eu voltei, eu fui técnica da FAU por uns dois anos, viu? Dois, três anos, estava trabalhando aqui já e dava treino. Só que aí elas... foi bom porque elas perceberam junto comigo que não era minha praia, eu falei: “Gente, é verdade, não dá.” Então foi legal pra isso, pra bater o martelo que não era... apesar de adorar a modalidade, jogos, sou apaixonada, mas eu vi que não era... o meu desejo inicial era falho. (risos)

P1 – Eu quero perguntar dessas experiências com os outros esportes. Você falou de arremesso de dardo, você falou de basquete e você falou do caratê.

R – Falei. E tem judô também.

P1 – E tem judô. Fala pra gente como foi o envolvimento com cada um deles.

R – Assim, tudo pelo lance da competição. Eu sempre gostei de acompanhar, então assistia em TV, principalmente na TV. Assistia todos, então o momento dos jogos olímpicos, Pan-Americano era momento de ficar grudada na TV assistindo tudo. Então eu sempre gostei de assistir muitas dessas modalidades. E como eu sempre joguei bola e gostava dessas coisas eu sempre gostava de jogar um pouquinho, né. Com o basquete foi isso: eu não gostava, aí eu... no BICHUSP, por conta da competição, adorei. O meu namorado é basqueteiro, então eu me aproximei dele. Não sei se por conta disso eu fui gostando mais, porque eu passei a assistir muito mais basquete. Teve épocas da minha vida, inclusive, que eu assisti muito mais basquete do que handebol, porque ele foi técnico também, então eu assisti muitos jogos de basquete. E no final da faculdade o nosso time não tinha goleira, e a nossa goleira era basqueteira. E o time de basquete da faculdade era um time bom, só que tinha quatro, cinco meninas, então elas precisavam de gente pra ajudar. Então a gente fazia uma troca de favores: ela jogava pra gente e algumas meninas do handebol jogavam pra elas. Então foi um ano divertidíssimo em que eu joguei... o meu quarto ano inteiro eu joguei basquete e handebol. Me diverti à beça porque eu acho que eu não tinha essa responsabilidade toda, então a gente... e jogava num nível alto, a gente ganhou campeonato... tinha uma... tem ainda uma federação paulista universitária, era por série, a gente ganhou a série... terceiro lugar na série ouro, competindo com equipes com federadas, tal. E eu jogando, me diverti... aqui na USP também, me diverti à beça. E aí o basquete... aí, enfim, com o marido basqueteiro, também estudei basquete, hoje faço algumas atividades profissionais, entre outras, uns biquinhos com basquete também. E as outras foi... o caratê e o judô foi essa coisa da chance de marcar ponto e ganhar medalha fácil. O caratê isso se confirmou, porque não era difícil, a gente se juntava um mês antes e ensaiava os movimentos do kata e conseguia ganhar. Tinha uma carateca no grupo. E o judô foi porque, no meu quarto ano de faculdade, não sei se foi no quarto ou foi no último, porque eu me formei em cinco, acho que foi no último. Eu tive judô na faculdade, a disciplina, eu falei: “Pronto, agora eu manjo, vai ser a minha chance.” Aquelas histórias da menina que ia na categoria super pesada. E vou lá. Aí fui competir no Inter EEFEE, meu último da graduação. Eu lembro que eu fui na categoria mais pesada, acima de 75 quilos, esperando que fosse eu e mais uma, mais duas. Lotado de menina e eu falei: “Aí, que merda.” Quando eu fui ver quem era a minha adversária, era uma menina gigante, faixa marrom, não era preta, mas era marrom, eu falei: “Nossa, ferrou.” Fui competir com ela, resisti bravamente até ela me dar uma chave de braço, perdi na primeira luta. Fiquei brava então falei: “Me inscreva no jiu-jitsu.” Porque era no dia seguinte, só que no jiu-jitsu eu não tinha a menor noção. Essa coisa de competir, né, aí, louca. Aí fui, também tinha bastante gente, só que por sorte, na primeira luta eu peguei uma menina como eu, que tava lá panguando. Aí eu consegui ganhar uma luta por estrangulamento e fiquei toda feliz. Aí na segunda eu nem liguei, perdi, já... não marquei nada, não pontuei nada, mas pelo menos consegui. E o atletismo, é engraçado que eu não sei dizer de onde surgiu o interesse. Às vezes eu tenho uns interesses meio, como fala, dissidentes, sabe? Por exemplo: fui fazer alemão ao invés de ir fazer inglês na adolescência. Aí o atletismo sei lá porque que eu fui. Na minha turma tinha um cara do atletismo que até uma época chegou a dar uns treinos físicos pra gente, assim. Eu acho que estava formando uma equipe e falei: “Ah, vou experimentar.” E aí eu comecei a treinar lançamento de dardo. Tinha uma equipe na USP, tal. Aí comecei a treinar, comecei a treinar, competi em várias competições universitárias, eu fazia mais os lançamentos, os arremessos. Teve uma competição bem interessante até, que era... não sei se era TUNA, não sei, que ele foi feito junto com uma etapa do campeonato paulista de atletismo, então tinha atletas universitários e atletas federados competindo na mesma competição, na mesma prova, só que pontuava pra campeonatos diferentes. Aí eu fazer arremesso de peso. Eu não sei se vocês conhecem a Elisângela Adriano, medalhista do Brasil. Aí eles avisam, era assim: “Arremessa Thatiana, prepara Elisângela.” Arremessou cinco vezes mais que eu, aí que vergonha. Aí, na Unisinos, a primeira vez que eu fui na Unisinos foi com atletismo. Ah, eu acho que foi o lance da viagem, viu? Porque o atletismo sempre ia pra Unisinos e era no sul, tinha viagem, ficar lá no fim de semana, então eu acho que foi o lance da viagem, eu falei: “Vou treinar pra poder ir competir no sul, pra poder viajar.” Acho que foi isso. E aí treino lançamento fui lá. E a Roberta, essa minha amiga, também foi. Aí a gente foi lançar o dardo... a gente também fez outras provas, mas o dardo era nossa prova de verdade. Só que tinha umas meninas muito fortes lá. Aí a gente estava lançando, uns vinte e poucos metros, aí a Roberta lançou... eu não esqueço, ela lançou 23. Eu tava com uns 21. Nossa, na sequência era eu, eu lancei 25, falei: “Ah! Ganhei de você, pelo menos.” E acabei ficando com a medalha, ela não conseguiu me passar, fiquei com a medalha de bronze, mas era assim primeiro lugar com 40, segundo com 38 e eu com 25 em terceiro. Era bizarro (risos), mas foi divertido. Acho que foram essas as alternativas. Depois... é isso, acho que acabei brincando com essas. Nadei também pra competir, tal, mas o que eu gosto mesmo é de jogar bola, então eu gosto muito de jogar handebol, basquete hoje se me chamarem eu vou com gosto, diferente de antes, aprendi a gostar também.

P1 – Mas como é que era sua rotina de treino? Algumas modalidades você só treinava um dia antes ou você tinha: “na segunda eu vou treinar basquete, na terça handebol, na quarta dardo”? Como é que era?

R – Olha lá, vamos ver. O atletismo eu devia treinar umas duas vezes... ó, o handebol era geralmente duas a três vezes por semana, era na hora do almoço. Então pra gente era supertranquilo porque eu ficava o dia inteiro na faculdade, né. E quando eu fiz estágio eu geralmente fazia no final do dia, ou mesmo quando eu era treinadora era no final do dia ou num dia da semana que não treinava handebol, então nunca atrapalhou. E era prioridade. O basquete tinha treino, mas não era muito não, se tinha era uma vez por semana, também conseguia encaixar. Na época em que eu treinei atletismo, deve ter sido no máximo um ano, eu lembro de treinar uma vez por semana, duas vezes por semana também no final do dia. Então a gente acabava encaixando ou na hora do almoço ou depois da faculdade. E como eu morava muito longe e era muito trânsito eu ficava aqui até sete, oito horas da noite pra ir embora pra casa. Então nunca tive... ih, o horário era tranquilo, estava aqui e fazia um monte, aproveitava tudo o que tinha que fazer aqui pra depois voltar lá pra ZL, tal.

P1 – E como é que foi esse começo profissional? Você já falou do estágio com crianças. Em que momento foi? Foi logo que você entrou na faculdade? Como é que foi?

R – Foi no meu segundo ano. Na verdade eu tive uma experiência anterior que eu não gostei. Era recreação num condomínio lá em Alphaville, uma vez... acho que era todo sábado, no meu primeiro ano. Foi ruim porque eu não gostava de recreação, nunca gostei, né, mas foi bom porque eram veteranos da faculdade que trabalhavam lá, eles trabalhavam no Colégio Albert Sabin aqui perto e eles precisavam de estagiário pro handebol no ano seguinte, eu ia estar no meu segundo ano. Um deles falou: “Ah, Thati, você tem interesse em fazer estágio?” “Ah, tenho. Como é que é?” Ele falou: “Olha, tem o handebol, que era da quinta série pra cima, mas você também faz com turminhas mais novas uma iniciação esportiva geral.” “Ah, mais novo é?” “É de primeira série a quarta série.” Eu falei: “Nossa, que saco, criança, meu.” Eu lembro de falar: “Aí, que horror, mas vamos, né, estágio. A bolsa eu lembro que era quinhentos reais, que pro momento era: “Nossa, uma fortuna, né?” Falei: “Eu vou.” Aí

fui. Era uma rotina bem cansativa também porque eu saía da faculdade, era umas cinco, cinco e meia, a gente pegava carona pro Sabin, que é perto daqui, mas era muito ruim pra ir de transporte público. Acabava umas nove horas, eu pegava carona até a Vila Mariana, da Vila Mariana pegava um ônibus até a minha casa, chegava às dez... tinha dias que tinha reunião e eu saía às dez. Aí eu chegava em casa às onze horas, várias vezes eu dormi no ônibus e parei na pqp, assim, altas histórias de perigo já, de dormir no ônibus, mas enfim. Aí o estágio era... e tinha na hora do almoço também, então eu era responsável por turmas de iniciação esportiva de primeira a quarta série, tinha uma turminha de primeira série, duas turmas de quarta série, era responsável pelo handebol de quinta e sexta série e acompanhava os outros handebolistas, que era sétima e oitava e o ensino médio. Foi aí que eu descobri o que eu queria fazer ali, que meu lance era com criança, era trabalhar formação esportiva, era chegar o dia inteiro: “Aí, que saco.” da faculdade, aí... era uma escola muito boa, assim, a estrutura, o valor que eles dão pro esporte, isso era ótimo. Muitas quadras, material a dar com pau. Então eu me lembro muitas vezes, tinha turminha de sete... era turminha feminina, sei lá, 40 meninas escandalosas de sete anos. Aí eu descia pra pegar o material e subia com, sei lá, vinte cones no braço, trinta bambolês, uma sacola cheia de bola, um monte de colete, chegava na quadra: “Ehhhhhh!” elas vinham pra cima de mim, me derrubavam no chão, era uma festa. Me descobri, assim, adorei, adorei. Foi ótimo. Eu tinha uma... porque a gente era estagiário, mas a gente também era um estagiário que aprendia fazendo, e também sem melindre nenhum, sem problema nenhum. E eu tinha uma responsável... porque, assim, tinha um técnico de cada modalidade, então a técnica do handebol era responsável por mim, por me orientar durante as atividades de handebol. E ela foi uma pessoa muito boa pra minha formação também, ela era muito certinha, inclusive trabalhou aqui, tem umas histórias aqui no... mais tensas aqui no PET, antes de eu vir pra cá, e hoje é docente aqui na Escola de Educação Física. E ela... eu já aprendi com ela, então eu já aprendi a fazer desde cedo com planejamento, preocupada com a formação. Hoje, eu olho as coisas que eu fazia... eu penso bastante diferente algumas coisas, mas por outro lado foi muito bom começar de um jeito certo, que ela pegava no pé.

P1 – Qual o nome dela?

R – Ela chama Ana Lúcia, Ana Lúcia Padrão dos Santos, foi bem importante. E na mesma época ela era nossa técnica de handebol aqui também, então a gente tinha uma relação muito próxima, ela foi uma pessoa bem importante também, nesse momento. Eu fiz estágio lá durante um ano, no final do ano eu fui dispensada e fiquei muito mal, muito mal. Tinha um coordenador lá, eu sei que ele até foi mandado embora, que ele era muito ruim, ele era muito ruim. Enfim, tinha algumas relações, quando ele me dispensou ele falou... ele não... segundo ele era porque eu tava muito próxima do outro estagiário com quem ele não batia, mas eu não sei se era isso, eu não sei se eu dava mancadas com relação ao horário, porque pra mim era muito difícil mesmo ir pra lá. Enfim, foi muito ruim, eu fiquei muito mal porque eu gostava muito da criançada, gostava do que eu fazia. E foi depois do... quando eu saí de lá, no meu terceiro ano que eu comecei a atuar como técnica universitária, que aí eu trabalhei com a ECA: “Hm, legal.”, mas não era aquilo, né. Aí eu fui pra Portugal, em Portugal eu fui fazer esse estágio de observação só, né, e aí quando eu voltei de Portugal, eu lembro bem, assim, tenho a imagem clara na minha cabeça, eu estava no corredor da faculdade, da EEFE, e parei num mural dos estágios. Tinha feitos esses estágios também, de observação, mas nada assim. Aí tinha lá o cartaz do processo seletivo pra estagiário aqui, só que tinha passado a data, já tinha... sei lá, era junho. Aí eu lembro que eu estava olhando, tal, uma colega de faculdade chegou, que também trabalhou aqui, a Fabiana, Fabi, ela: “Oi, Thati, tal, tal.” Falei: “Você viu?” Acho que eu já sabia que ela estava fazendo estágio aqui. “Ah, já passou.” Ela falou: “Meu, você está afim?” eu falei: “Ah, tô.” “Porque se você esteve afim eu acho que eles não conseguiram preencher as vagas. Inscreve.” Agora eu não lembro se foi ela quem falou, não sei, inscrevi. Aí eu inscrevi, eu lembro até que foi o Zé quem me ligou, porque o Zé que era o coordenador do processo seletivo. Aí meu pai me zoou: “Olha, o deputado te ligou.” Porque era José Anibal, né (risos). “Pra marcar entrevista.” Aí fiquei toda feliz, tal. Vim fazer a entrevista, eu lembro bem do processo, me apaixonei.

P1 – Como foi?

R – Tinha... o Zé estava à frente com esse estagiário da psicologia. A gente primeiro viu um vídeo, era um vídeo bem bacana que tinha aqui, institucional do PET, fizeram meio um trajeto da Remédios com o pessoal da São Remo vindo pra cá, assim. Tinha os coordenadores explicando como eram as atividades e quais eram os preceitos e os princípios. Era um vídeo bem legal. Depois a gente teve uma dinâmica em grupo e depois teve uma entrevista. Foi muito legal porque o Zé não se conteve e falou na hora que eu tava aprovada (risos), acho que ele gostou muito de mim!

P1 – Você se lembra da dinâmica?

R – Eu lembro... eu acho que era mais de uma. Eu lembro de uma que a gente tinha que pensar... tinha que, em grupo, propor alguma coisa pra educação física do estado de São Paulo, eu não lembro exatamente, eu lembro isso, enfim. E eu sempre fui proativa, então eu fiz e acabou chamando atenção. A Fabi deve ter falado bem e ele na hora... e devia estar precisando (risos), na hora ele já me deu a resposta, eu fiquei superfeliz e tal. O que mais que eu ia falar disso? Me perdi, aí, fiquei empolgada com o processo seletivo.

P1 – Fala pra mim, então, do seu primeiro dia aqui.

R – Vixe, sabe que eu não lembro do primeiro dia? Eu lembro dos primeiros dias, dos primeiros momentos. Eu vim trabalhar num grupo em que a Fabi era coordenadora, então eu era estagiário do... era uma faixa etária de 13 a 14 anos, tinha a Fabi como coordenadora, tinha mais uma estagiária de Educação Física, tinha um estagiário da Psicologia, o Edu, que foi muito engraçado, e tinha um da Pedagogia, que eu não lembro o nome. E eu lembro de já ter que... da Fabi já me colocar pra: “Ah, vamos planejar atividade.” Ah, não, primeiro não, imagina. Primeiro era uma formação, então a gente tinha uma semana de formação, então eu não lembro exatamente como foi organizada, mas por muito tempo era muito denso, assim, pra gente aprender todos os princípios, todos os conceitos, né, todos... como que planeja, como não planeja, fazer o planejamento. Então tinha isso muito alinhado, a gente tinha um tempo muito bom antes de entrar de cara com a criançada. E era no meio do ano, ainda assim a gente teve condição de fazer isso com um tempo bom.

P1 – Em qual ano foi isso?

R – 2002, no meio, julho, agosto de 2002. Aí eu lembro de já ter que planejar atividades e tal, e eu gostava muito de fazer isso porque eu já tinha no estágio, então eu me senti muito bem com o fato daqui ter esse espaço pra planejar, pra cuidar, pra pensar, né. Então, toda a estrutura da rotina diária, dos alunos, dos educando e a nossa rotina, ela era muito positiva pra essa gerência toda. E eu lembro muito do Edu... porque apesar de ser coxinha, tudo, eu sempre fui muito brincalhona, né. Aí o Edu virou um dia e falou: “Você é folgada.” Porque eu já estava tirando... na primeira semana eu já tava tirando sarro com a cara de todo mundo aqui. “Meu, você é muito folgada.” Aí eu cascava o bico, a gente se divertia demais. Eu tenho essas lembranças, sabe, de já entrar já com a coisa girando, e já ter que pegar o bonde já propondo coisas, mas pra mim isso sempre foi muito positivo, não me assustou, sempre gostei de fazer e tal. E também de já entrar... porque é um ambiente muito saudável, assim, então foi muito confortável, me senti bem de cara já. Então, por isso eu já estava tirando sarro com todo mundo, berrando, enfim.

P1 – Fala pra gente, como se eu fosse um candidato a essa vaga de estágio. Eu estou vendo esse vídeo, o que era o PET? Quem atendia? Quantas pessoas, mais ou menos? Como que é?

R – Então, o Esporte e Talento era... era? É, era uma parceria da Universidade de São Paulo com o Instituto Ayrton Senna, formava o programa de Educação pelo Esporte, que era um programa que surgiu em 95, né, após a morte do Ayrton Senna. Todas as suas ideias juntadas, unidas pela sua irmã, a Viviane Senna, enfim, de oferecer oportunidades pra aqueles que não tinha oportunidades, né. Então ele imaginava que, se ele chegou onde ele chegou, é porque ele teve oportunidade na vida, então ele queria oferecer essas oportunidades pros demais. Então, o projeto tinha um foco de atendimento às comunidades de baixa renda aqui ao redor da universidade, São Remo, favelas do Rio Pequeno, Jaguaré, então tinha esse público. Tinha atividades quatro vezes por semana, divididas em grupos etários, então tinha o primeiro grupo, que vinha... quando eu entrei estava começando a dar os nomes, né. Então, Peteleco de 8 a 10, Pequenininhos de 11 e 12, Unidos 13 e 14 e Peteleção de 15 a 17 anos. Os grupos eram, mais ou menos formados por... na verdade eram 30 pra cada dupla de educador, então dependia um pouco também da condição de atendimento, da capacidade de atendimento, né. O Instituto Ayrton Senna formulou toda essa metodologia de educação pelo esporte, com os projetos que... o PET foi o primeiro, né, mas que outros projetos em outras universidades foram se formando, eles criaram essa metodologia com base nos quatro pilares de educação da UNESCO. Então, a partir do desenvolvimento das competências, dos quatro pilares, promover o desenvolvimento a partir do esporte, o desenvolvimento humano através do esporte. Então tinha todo esse viés, então a gente planejava pra atingir e desenvolver competências nesses quatro pilares, oferecendo as atividades esportivas. O PET, especialmente, eu acho... não tive tanto contato, tive algum contato com os outros, tinha um... isso eu acho que é claro pela própria história que o PET, agora PRODHE, foi tendo, né, esse caminho pelo qual ele rumou, do esporte muito forte. Muitos outros projetos tinham muito mais como um meio, então: “Eu quero, na verdade, ter crianças que tenham disciplina, que respeitem, através do esporte. Podia ser qualquer outra ferramenta. E aqui, o esporte ele era um fim também. É engraçado que eu acompanhei muito como isso foi se tornando mais explícito, acho que antes era implícito, não era tão claro, mas tinha isso muito forte. Então tinha sempre uma preocupação com as questões de formação esportiva, como organizar os conteúdos de aprendizagem do esporte, em cada grupo etário isso era muito bem caracterizado, que tipo de atividade se oferece aos mais novos. Isso vai mudando ao longo dos grupos etários, né, até hoje, explicitamente, tem essa coisa do... mais o esporte para o desenvolvimento humano do que o desenvolvimento humano pelo esporte. Que é uma coisa que parece sutil, mas conceitualmente é uma coisa bem clara. Então sempre teve essa... tanto que começou com uma coisa de talento esportivo mesmo, com peneira. Com o passar do tempo isso foi mudando também, pra não dar oportunidade só aos privilegiados, que já tinham alguma competência esportiva.

P1 – Isso no processo de seleção dessas crianças?

R – Das crianças. Eu não passei por isso, quando eu cheguei aqui já não era assim, já era por ordem de chegada, mas antes tinha um processo de seleção das crianças, tinha teste físico, tinha uma outra característica, né. Com o passar do tempo isso mudou, foi aí que teve até um rompimento com algumas das pessoas que por aqui passaram e começaram o projeto, né. Então, com essa ideia de dar oportunidade pra todo mundo mesmo, de não ser aqui a formação dos talentos esportivos, mas ser aqui o lugar de acesso ao esporte, de formação esportiva pra todos, independente de ter potencial pra ser atleta ou não. Antes tinha muito essa coisa forte, né, de ser atleta ou não. Mas não era aqui mesmo que ia ser, porque aqui não é um clube, não tem condição de fazer isso. Então mudou esse viés, é isso.

P1 – Você disse que participou dessa mudança do que era implícito pra algo que era mais explícito. Foi algum acontecimento em especial? Foi algo que culminou em algum momento? E por que? Você lembra?

R – Puxa, eu acho... eu não sei dizer, foi um processo. Não teve, acho, que... talvez alguns marcos, mas foi um processo mesmo. Uma característica muito forte sempre foi essa de discussão conceitual, de estudo, de embasamento, então tinha o atendimento direto pras crianças, mas tinha muita ação de disseminação, de sistematização do que a gente fazia aqui. Eu acho que com o passar do tempo, do próprio estudo e das discussões que a gente tinha, isso foi se tornando mais claro. Acho que teve um momento que foi: “Não, gente, vamo... é isso, sabe?” Talvez tenha sido quando o programa também tomou outros rumos, né, que o instituto deixou de apoiar do jeito que apoiava. Talvez tenha sido ali, mas foi um processo, né. Por isso até que quando mudou o programa, o desenvolvimento... é desenvolvimento humano pelo esporte, mas ali... a gente tinha discussões muito ferrenhas, assim, densas, consistentes, sobre o nosso conceito de esporte, a nossa visão de esporte. Tanto que em 2000, deve ter sido em... quando a gente criou o blog, que hoje é o educandopelo esporte.blogspot, deve ter sido em 2008, eu acho. Estou chutando, não tenho certeza não. Mas ali essa ideia se formalizou, de que o esporte como... é uma via de desenvolvimento humano, mas... menos a gente olhando ele como uma ferramenta, como meio, mas mais ele como um direito, todo mundo tem acesso, precisa ter o acesso, a gente garante esse acesso, contribui com o desenvolvimento humano, faz parte do desenvolvimento ter uma boa relação com o esporte, ter uma cultura esportiva. Isso foi muito legal porque eu participei desse processo, e acho que influenciando e sendo influenciada, então, às vezes, muita coisa não estava... não tinha muita... eu sabia que era aquilo que eu pensava mas não tinha muita consistência pra dizer. E as coisas foram se unindo e isso foi se fortalecendo. Até quando eu entrei aqui, eu tinha acabado de vir de Portugal, e eu vim de Portugal como uma ideia muito assim: “Puxa, o esporte é... com criança, sabe? É um belo dum ambiente pra criança.” E essa coisa da formação esportiva o quanto é importante pro desenvolvimento da criança e do sujeito. Eu lembro que eu tava com isso muito forte. E quando eu vim pra cá, vendo o vídeo, vendo a apresentação eu falei: “Gente, perfeito! É isso.” sabe? E as coisas foram se casando. Eu acho que durante toda a minha história aqui foi isso, eu fui influenciando e sendo

influenciada e tendo mais consistência pro meu entendimento, pra minha visão do esporte, que eu levo até hoje, carrego até hoje.

(pausa)

P1 – Thati, eu queria que você falasse pra gente como era essa parceria do PET com o Instituto Ayrton Senna no período em que você entrou. Eu vi nas fotos que você trouxe que tinha um uniforme com o Senninha, como que era essa parceria?

R – Bom, quando eu entrei o Instituto Ayrton Senna era o concebedor da coisa, então ele, junto com a USP eram os pais do Esporte e Talento. Na época eles tinham... eles até chamavam de um nome diferente, era um patrocinador, mas eles não usava esse termo. Era a Audi, que investia milhões no programa todo e que dava uma condição financeira excepcional pra todo mundo. Então a gente tinha... eles bancavam todo o projeto e toda a estrutura. A equipe de coordenação aqui, ela era responsável por, todo ano, fazer a proposta de funcionamento e administrar os recursos, né. O Instituto aprovava, em função dos recursos que eles tinham com a Audi, ou não, e eles gerenciavam. E eles sempre buscavam manter uma qualidade nessa estrutura. Então era uma equipe de coordenação robusta, uma equipe de estagiários robusta, o valor da bolsa eu me lembro que não era... não, assim, era um valor razoável pra baixo, não era nada demais, mas tinha essa bolsa, que era o instituto que pagava, o salário de todos os coordenadores era via essa parceria com o instituto. Os alunos e a gente recebiam uniforme, que não verdade era uma camiseta com o Senninha, que era a marca do programa, ele com o troféu em cima dos livros, que tinha a questão da educação e do esporte, né, ele era o símbolo. Então eles recebiam essa camiseta, a gente também recebia, a nossa era colorida, a deles era branca. Enfim, dava uma condição financeira muito boa pro funcionamento. Eu passei por dois, além das atividades cotidianas, dois momentos em que isso se manifestou de um jeito grandioso. Um foi em 2004, se não me engano, então eu já era coordenadora, foi um encontro de educadores. Então vieram educadores de todos os outros pra cá, pra São Paulo, ficaram... dormiram aqui. Então vieram estagiários e alguns coordenadores. A gente tinha uma programação de três, quatro dias, então foi um encontro bem legal, era de formação mesmo. Então a gente tinha atividades práticas, atividades teóricas, algumas conduzidas por nós e algumas que a gente chamou convidados. Os próprios projetos também tinham seu momento de desenvolver oficinas, tinha uma programação cultural. Eu lembro que eu fiquei responsável pela pizza (risos) tinham umas coisas bem legais. E um outro foi um... nessa época, talvez, acho que eu era estagiária, não lembro se era... foi em 2003, que foi um evento da Audi. Agora eu não lembro exatamente o que era esse evento, mas foi um evento aqui no módulo, também foi muito grande, veio... alguns atletas foram convidados, o cara da Audi veio, tinha uma baita duma programação, os alunos também faziam homenagens, enfim, foi um evento grande. Era bastante suntuosos nesse sentido. A Audi deixou de apoiar, aí a parceria tomou uma outra característica, então deixou de ser financeira pra ser mais técnica e conceitual, digamos assim. O Instituto, depois que saiu a Audi, ele apoiava com recurso menor, então o funcionamento daqui acabou sendo abraçado pela própria universidade, que tinha condição através dos funcionários, que eram os funcionários da universidade. Na época em que isso aconteceu todos, menos eu e o Zé, todos os outros eram funcionários da universidade. Então, o instituto bancava parte do salário dessas pessoas, porque também acho que eles eram vinte horas, eu não lembro, tinha um descompasso, sabe? A carga horária deles enquanto funcionários da universidade com relação ao trabalho mesmo. Eu e o Zé, que a gente não tinha vínculo com a universidade, e alguns estagiários. Mas tudo com o passar do tempo que foi ficando... a universidade foi abraçando, abraçando, abraçando, o instituto foi tirando, tirando, tirando. Foi justamente... aí em 2011, eu saí, saí junto com o Zé, na mesma época porque o instituto tirou todo o seu aporte financeiro. Então aí a gente não tinha mais como... não tinha condição... mas no momento, no começo era... então o instituto tinha essa... na verdade, quando eu entrei, basicamente já estava com a metodologia pronta, digamos assim. Então houve um trabalho bastante intenso e denso junto com os projetos, pra elaborar essa metodologia, sistematizar essa metodologia, sistematizar formas de disseminação, tanto que tem um livro que marca isso, né, que é um livro vermelhinho, Educação pelo Esporte. Depois disso o instituto tirou um pouco o pé dessas questões mais técnicas, tanto que mudou um pouco o perfil da coordenadora. Era uma coordenadora pedagoga que tinha elaborado toda essa... ou liderado a elaboração dessa metodologia, pra uma coordenadora mais operacional, né, mais de gestão, mais gerencial. E aí, com o passar do tempo isso foi mudando até que hoje, né... as questões hoje, claro que com toda a influência disso, mas mais autorais mesmo, da equipe aqui do PRODHE, sem dependência, digamos, conceitual e técnica dos outros, das outras iniciativas e do próprio... de tudo que o instituto fez.

P1 – E como que foi esse momento em que a universidade decidiu abraçar o projeto?

R – Olha, não sei se foi ela que decidiu abraçar não (risos), acho que ela foi convencida, viu? Foi bem tenso, foram momentos bem tensos. E pra mim foi tenso, especialmente, porque eu não tinha vínculo com a universidade, então tudo isso, estava também em jogo a minha continuidade aqui ou não. Então eu lembro da gente fazer muitas reuniões aqui com a diretoria, porque sempre teve uma iniciativa aqui do pessoal, da equipe de coordenação, de ser reconhecido pela universidade: “Poxa, eu estou dentro da universidade, a universidade é parceira, então ela tem um papel.” Porque sempre foi confortável, porque as coisas eram feitas aqui, o dinheiro estava entrando, então não tinha essa preocupação da universidade, digamos assim. Só que aí algumas questões burocráticas foram aparecendo, algumas coisas que não podiam ser mantidas, né, por exemplo o repasse de recursos, o convênio, a característica do convênio, não pode ser tão longo. Aqui o convênio tinha sido muito longo. Os contratos das pessoas também. Eu não sei exatamente a história, mas, se não me engano, como era fruto de um convênio, eles deveriam ter sido contratados por tempo determinado, só que passou, passou e virou prazo indeterminado. Então a universidade vai fazer o que? Já era.

P1 – Thati, você estava falando dessa relação com a universidade. Eu queria voltar um pouco pra sua trajetória. Então fala pra mim qual era a sua rotina de estágio aqui dentro e depois como foi o seu desenvolvimento. Em dois anos você já estava como coordenadora, fala pra gente.

R – Tá. Então, era assim, como eu tinha acabado de voltar de Portugal, eu só tinha um disciplina na EEFÉ pra fazer, porque todas eram pré-requisitos, então eu tinha aula só de manhã. Eu fazia estágio aqui à tarde e era uma tranquilidade, porque eu vinha com calma pra EEFÉ, fazia as coisas que eu tinha que fazer, treinar, às vezes estudar. Eu entrava aqui às duas horas, era das duas às seis o meu estágio, de segunda a sexta. Chegava, juntava com o grupo e ia com a criançada pra atividade. Aí a gente tinha, mais ou menos até umas quatro e dez, de atividade com a criançada, nos espaços esportivos, geralmente, ou aqui também. Aí, às quatro e meia a gente deveria estar de volta aqui porque era, das quatro e meia as cinco, o horário que a criançada tinha pra... a gente chamava de horário livre, era o horário que eles tinham pra tomar banho, lanchar ou ficar fazendo... brincando, enfim. E nós educadores, nós nos dividíamos nesses espaços. Então, até as quatro e pouquinho, com o nosso grupo

etário e até as cinco horas nesses espaços responsáveis por quem por ali passasse. Então tinha dia que era aqui na sala de leitura, tinha dia que era no vestiário, porque rolava altas coisas no vestiário, ou no campinho ou na lanchonete, sala de informática, enfim, isso foi variando com o tempo. E aí, das cinco às seis era um tempo que a gente tinha pra discutir as coisas do dia, preparar as coisas do dia anterior. Isso de segunda, terça, quinta e sexta. Quarta-feira era o dia de planejamento, então era o dia em que a gente se reunia no grupo pra planejar a semana seguinte, não a quinta e sexta, mas a segunda e terça, e também reuniões gerais, alguma coisa assim. Ah, na nossa rotina também, das cinco às seis, tinham outras atividades além dessas de acertar, né. A gente tinha, às vezes alguma formação, a partir do que a coordenação planejasse, das cinco as seis, tratar algum tema, coisa específica, além da quarta-feira. A gente tinha supervisão, então tinha um psicólogo que reunia com a gente, com os educadores, pra tratar de questões aí, como lidar com a criança. Acho que era isso. Então eu fiquei um semestre trabalhando com essa faixa etária de 13 e 14 anos, que foi uma faixa etária que eu gostava, mas não era a que eu mais gostava não. Eu gostava dos mais novos, principalmente de 11 e 12, por conta do trabalho que era feito, que se assemelhava àquilo que eu estava estudando e tal. E aí eu lembro quando eles estavam... porque todo final de ano ou de semestre tinha um planejamento, porque muitos educadores saíam, alguns formavam, alguns eram dispensados, outros chegavam e tinha às vezes os que trocavam de grupo. A tendência era continuar, pela importância do vínculo, mas também havia... a coordenação avaliava pra fazer as mudanças, né. E eu tava... assim, seria legal mudar, mas eu tava tranquila, não tava com expectativa, assim, querendo sair. E teve uma mudança que o Zé propôs, que eu fosse pro grupo dos mais novos e trocasse com uma garota, eu falei: "Nossa, que legal." Fiquei super feliz e aí fui trabalhar com esse grupo de 11, 12 anos. A rotina diária era a mesma e tinha... a rotina semanal era essa, mas tinha uma rotina também de planejamento. Então a gente tinha, no começo do ano, uma semana de formação, a coordenação vinha antes pra preparar as coisas, depois os estagiários chegávamos pra passar por essa formação, planejamento e aí seguir com a criançada. Quando acabou o ano eu ia me formar, já estava chorando horrores, né, porque ia ter que... já tinha me despedido das crianças, assim. Éramos cinco estagiários, três de nós nos formaríamos, então a gente preparou um super luto, porque era um luto pra gente, a gente colocava aquilo pras crianças também, né. E a coordenação ficava sempre falando pra gente: "Ah, mas vocês dão muito valor pra despedida." Eu falei: "Lógico." Era muito assim... a gente tinha uma relação muito próxima, um vínculo muito forte com a criançada. Eu lembro do dia, de chorar, tirar foto com as crianças e tal. Teoricamente tinha acabado, me despedi, tudo certo, não sabia de nada. Na semana seguinte era uma semana de avaliação, era tradicional também ter uma semana de avaliação, relatório, acertar as coisas e tal. Aí num belo dia o Marcos me chamou pra conversar, o que aconteceu? Um dos coordenadores, eu acho que ele ia ser dispensado, enfim, não tava mais se adequando ao grupo de coordenadores então ia sobrar uma vaga e eles me convidaram, o Marcos me convidou, eu falei: "Putz, perfeito." Fiquei feliz pra caramba. Eu lembro... eu tô na dúvida se quando ele me falou ele me falou... ele tava conversando ainda, porque não era só eu que tava sendo cogitada, tinha mais de uma pessoa, ou se ele já me falou pra confirmar. Eu acho que ele só deu uma sondada pra ver se eu tinha alguma coisa e veio dar a resposta no outro dia. Eu lembro o dia em que foi a resposta, foi o dia até do amigo secreto, e a gente fazia... o pessoal de manhã fazia de manhã e o pessoal da tarde... só que eu tava aqui de manhã, todo mundo achou estranho porque foi quando o Marcos veio confirmar comigo e tal. Aí ele, enfim, comunicou, fiquei feliz da vida. No começo do ano a gente veio conversar, foi uma... além de eu entrar pra equipe de coordenação, teve uma mudança na estrutura de coordenação também. Antes era um coordenador por grupo etário, aí tinha um coordenador geral, um coordenador de esporte, um coordenador de pedagogia e um coordenador de psicologia. Nesse ano formaram-se duplas pra coordenar os grupos etários, que era sempre alguém da área de Educação Física e Esporte, mais um psicólogo ou um pedagogo e uma coordenação geral e mais uma coordenação pedagógica. A coordenação geral era o Marcos, a coordenação pedagógica era a Paula, se não me engano. E aí, nos grupos, eu fiquei... eu acabei na... eu achei... o Marcos, acho que quando me chamou, quem saiu foi o coordenador do grupo mais velho, eu tava meio assim: "Não, mais vamo, né." Só que aí no meio da nãñã acabou que eu fiquei como coordenadora do grupo da faixa etária que eu mais gostava, de 11 e 12 anos, em parceria com o Zé, que super parceirão. A gente já tinha uma relação muito boa, foi um ano muito legal que a gente trabalhou junto. Enfim, aqui, como nunca nada é igual, um ano ao outro, com o passar do tempo, em função de várias coisas, tanto... às vezes das próprias condições que a gente tinha, ou de uma questão mais técnica, alguma coisa mais conceitual, ou só faniquito mesmo de ficar (risos)... de não ficar igual, essa estrutura foi mudando bastante. Então eu fiquei como coordenadora desse grupo, também fui coordenadora do grupo mais velho, o Peteleção, mas mais uma vez com o Zé na parceria. Depois... porque a nossa carga horária também acabava ficando à mercê dos recursos, a carga horária ia mudando, outras oportunidades profissionais surgindo, minha atuação aqui foi mudando bastante. Então eu fui coordenadora de grupo etário, fui coordenadora de esporte, fui coordenadora pedagógica, coordenadora de disseminação. Cada ano era um flash diferente, então eu fui fazendo bastante coisa, até onde eu consegui ficar.

P1 – E quais foram as maiores mudanças que você acha que pegou em todo esse período por aqui?

R – Maiores mudanças? Hmm, deixa eu pensar. Sem dúvida a institucionalização acho que foi a maior mudança, então, ser assumido, ainda que não necessariamente por iniciativa da universidade, mas, assumido por ela como um programa, foi uma mudança bem grande, né, por conta daquilo... do próprio... de impactar o funcionamento e a vocação mesmo. Então nesse momento, foi um momento então... explicitamente, a gente diminui o atendimento, então não tem porque a gente ter um atendimento de 500 crianças mais, porque a gente precisa dar conta... como agora é oficialmente um programa da universidade, das questões de disseminar e sistematizar conhecimento, em função da carga horária e da estrutura, não dava pra atender tanto, então diminuiu o atendimento. E pra manter essas ações de disseminação e sistematização, porque, se o atendimento continuasse daquele jeito não ia ter como dar conta dessas questões, né. Então eu acho que essa foi a maior mudança, porque todo ano era uma mudança na estrutura, não tinha jeito, então todo ano era uma mudança. Pra mim foi... a atuação com esse grupo mais velho acho que foi o mais difícil, né, era um período em que eu tinha uma carga horária bem pequena aqui, nem lembro, acho que era umas doze horas, era bem pequeno. Era um grupo que eu não tinha... eu tinha afinidade com os garotos, mas pra mim era bastante difícil o trabalho, mesmo com o Zé junto. Como a nossa carga horária era difícil, a gente tinha estagiário... foi difícil, mas foi desafiador, mas foi legal, pra mim... mas foi uma mudança, pra mim, pessoalmente, pra minha atuação, que foi mais impactante. Acho que foi isso.

P1 – E você tem alguma criança ou um adolescente que te marcou, algum caso que você queira contar pra gente?

R – Tem, tem. Puxa, deixa eu pensar. Algum, assim? Nossa, uma adolescente, né, não um caso, mas uma história. Tem uma história boa também pra contar depois, tem um... tem uma adolescente, a Micaela, ela foi... quando eu tava no grupo de 11, 12 anos... eu fui educadora dela quando eu entrei, 13, 14 anos, ela era uma menina que vinha das antigas aqui já, então ela tinha passado pela aquela época que... do talento esportivo, tal,

das competições e tal, mais forte. Ela era do basquete, ela era basqueteira. Ok, tinha uma relação beleza. Quando eu... acho que foi... agora eu tô na dúvida, não sei se foi quando eu mudei de grupo, ou ainda no grupo ela meio que fixou em mim de tal forma, assim... ela chegava mais cedo, ela me via às vezes treinando, via meu namorado, que eu já namorava na época, dando treino de basquete, aí ela queria conversar comigo umas questões de sexo, assim, ela grudou em mim de um jeito e não me deixava em paz. Queria que eu contasse umas coisas pessoais, assim. Eu lembro dessa época de recorrer bastante ao Zé, porque eu não tava conseguindo lidar, enfim. Aí ele ajudou bastante a lidar com ela, mas ela acabou ficando pouco tempo, mas foi um... foi tenso. E tem as figurinhas, aquelas pestinhas que eu comentei das fotos, do Pequeninos, que eu olho e falo: "Puxa, tão sapecas." Eu não conseguiria nem destacar um, mas todos eles foram tão... a gente fez um trabalho tão legal com eles, assim, de aprendizagem mesmo de esporte, de construção de alguma coisa, de formar grupos e de... eu não consigo destacar um, mais foi legal. Tem um caso, posso contar um caso? Foi um caso bem marcante, acho que foi o momento mais tenso que eu passei aqui, foi logo que eu entrei, devia fazer meses, meio de semestre, talvez. Esse grupo era dividido por modalidade e nesse dia eu estava dando aula pro grupo de futebol, era um grupo de meninos, praticamente, no campo, eu tava sozinha. Ou a Fabi não vinha, no dia, que era a coordenadora, ou ela estava acompanhando um estagiário em outra modalidade. Ah, teve... enfim, isso é um dia. Poucos... alguns dias antes, a gente fez uma atividade com o grupo todo, que a gente queria trabalhar algumas questões de regras, então a gente fez um jogo meio sem regras pra eles, a gente passou informações bem básicas e deu a bola pro bicho pegar mesmo, e a gente mediar. Só que a gente perdeu um pouco o ponto e sobrou um olho roxo no meio da história. E beleza, a gente conseguiu lidar ali, até aquele momento. Aí o dia do futebol, chega aqui, eu estava dando aula pra esse grupo. Nesse grupo tinha um garoto que é um... aliás vocês podiam escutá-lo, viu? Enfim, já foi, já está com a lista, né? É o Marco. O Marco ele foi educando aqui muito tempo, depois ele foi... se formou em Educação Física, não chegou a estagiar aqui, mas é um garoto nota dez. Durante... ele, como educando, sempre foi... sabe aquele garoto exemplar em tudo? Habilidoso, trabalhava bem em equipe, escutava os outros, se relacionava bem com todo mundo. Ele estava nesse dia no grupo do futebol. Aí nesse dia eu estava dando aula de futebol pros meninos, o Marco estava no campo e aí chegou um dos garotos desse grupo, o que tinha tomado a porrada, o que estava de olho roxo, com a irmã e mais um cara. Entraram, assim, vieram direto pro campo chamando o Marco. Por que? Segundo esse garoto, acho que era Edson o nome dele, quem tinha dado a porrada foi o Marco e eles vieram então tirar satisfação. Aí eu fui lá dar uma acalmada, só que a irmã dele estava desorientada e o cara também. Aí eu comecei a tentar segurar, eu lembro que o Maykell estava passando nessa hora. O Maykell, nesse momento, ele trabalhava com a gente aqui, mas ele tinha outras coisas no Centro, ele estava no momento, sei lá, da aula de futebol dele e eu pedi uma ajuda pra ele ir conversar com essa pessoa, com essa mãe. Eles entraram no campo, foram pra cima do Marco, meu, foi uma confusão. Eu sei que eu puxei o Marco, saí correndo pra pedir ajuda, só que aí eu comecei a ficar muito nervosa e comecei a chorar. Passei pelo Edu, o que era estagiário, que falou que eu era folgada. Depois ele me viu... depois que ele me viu ele falou: "Pronto, mais uma que desistiu de ficar aqui." Mas eu só estava... porque eu estava nervosa, eu queria chamar o Zé pra ajudar né. Enfim, foi uma baita de uma confusão, acabou não acontecendo nada, só que o negócio se reverberou de tal forma que, assim, circular com gente esperando o Marco pra pegar o Marco na saída, sabe? Foi uma coisa, assim, terrível, de ter que ir conversar na comunidade, pra dar uma apaziguada. A gente não acreditava que o Marco tivesse feito algo, não era a cara dele, que pudesse ter sobrado sem querer ali, enfim. Foi um furdunço, mas passou. Foi engraçado porque nunca passou pela minha cabeça... acho que foi um momento tenso, mas beleza. E o Edu falava: "Nossa, eu vi você ali eu achei que você fosse desistir." Eu falei: "Não, eu só estava nervosa. Passou já." Mas foi um momento bem tenso, acho que foi o momento mais tenso que eu passei aqui, foi logo nos primeiros meses. Aí também eu acho que qualquer coisa depois foi mais tranquilo de lidar.

P1 – E como é que vocês lidavam com a competição? As crianças participavam de alguma atividade, algum evento? Quais eventos eram esse?

R – Então, a gente tinha... a gente gostava muito de competir e a gente tinha uma dedicação a pensar a competição e discutir a competição, né. Então a gente tinha a nossa competição, que até tem até hoje, o Olipet (?), que era o momento da gente fazer do jeito que a gente achava que tinha que ser. Então a gente pensava muito, tinha sempre quem era responsável por pensar no formato, pensar em todos os conceitos que embasava, era bem gostoso, era uma coisa que eu gostava muito de fazer mesmo também. E a gente participava de alguns outros eventos que a gente achava que iam ser positivos pra garotada, né. A maior parte deles eram grupos de escolinha de esporte de clubes, a gente tinha uma relação... deve ter ainda, a gente participava de um grupo de coordenadores das escolinhas de esporte de São Paulo, então a gente costumava participar de olimpíadas do Hebraica, da _____, que era uma competição da Escola de Esporte do Clube Pinheiros. Tem uma escola particular que chama Medsport em Pinheiros, que faz a... acho que é a Olimed (?), a gente participava. Então a gente participava dessas coisas mais informais, né, porque a gente via que não era aqui o espaço pra formá-los pra essas competições mais formais. Mas a gente sempre deu muito valor à competição, tanto que a gente se dedicava a pensar, era um dos temas que a gente gostava de desenvolver, de conversar sobre, de discutir. E a gente tinha um trabalho muito intenso, tanto nosso interno, quanto de preparação de quem a gente... de quem eram os convidados pra participar. Então a gente convidava pra participar de reuniões preparatórias onde a gente discutia esses conceitos, né, pra que eles já fossem se apropriando disso, acordando as coisas, e também já fossem preparando a criançada pra vir participar, né. Era um momento bem rico.

P1 – E o PET, ele tinha instituições parceiras, que se juntavam pra conversar sobre algum tema?

R – A gente tinha... tinha os próprios projetos do programa, a gente tinha esses parceiros dessas escolinhas, que tinham uma relação um pouco mais de... sei lá, parece que era outra vibe a deles, a gente tinha uma relação próxima, respeitosa, a gente gostava de participar das coisas deles e eles também... mas eles participavam pouco, na verdade, do nosso, mas a gente tinha uma relação amistosa. A gente tinha um projeto que acabou... a gente tinha a parceria com um projeto que funcionava aqui no CEPE também, que a gente dividia espaço, que era da Associação Esporte Solidário, a gente conviveu muito tempo, foi uma relação de altos e baixos, né, muito conflitos, muitas questões, né, conceituais, técnicas. Então a gente teve momentos mais próximos, momentos mais distantes, momentos mais amenos, momentos mais tensos, assim. Porque os alunos deles usavam os mesmos espaços, tomavam lanche com a gente, então eles contribuía no lanche, mas também tinham algumas... a gente também participava de questões, discussões conceituais e às vezes algumas divergências apareciam, né. Que mais que eu me lembro? Eu me lembro desses, assim.

P1 – E você pegou a mudança de PET pra PRODHE?

R – Peguei.

P1 – Fala pra gente sobre esse momento.

R – Foi bem naquele... foi no momento da institucionalização, foi no momento em que ficou explícito o nosso viés, o nosso conceito de esporte.

P1 – Mas você se lembra da reunião, assim, de decisão de nomes, possíveis nomes, algo assim?

R – Puxa. Eu não lembro da reunião, eu me lembro de vários momentos, né, porque, nossa, era muito cansado, o povo que gosta de conversar e discutir, meu deus! A gente ficava horas discutindo. Eu lembro por exemplo... essa questão do esporte para o desenvolvimento humano e desenvolvimento humano pelo esporte gerou uma tarde de discussão. Eu lembro: “Não, porque veja bem” Aí um não entendia, não sei o que, era muito intenso, né. Então não era mais projeto, vai ser um programa, que nome vai ser? O desenvolvimento humano sempre foi uma marca, né, então desde toda a herança conceitual vinda do Instituto Ayrton Senna, através dos quatro pilares, o desenvolvimento humano sempre foi uma... um conceito muito presente. E o esporte também. Aí, qual a relação do desenvolvimento humano e esporte, né? Então a gente ficou muito tempo nessa discussão pra chegar nessa coisa do esporte como via de desenvolvimento humano, né, não é só uma ferramenta mas é um fim também. Aí o nome... o nome é complicado, né, porque às vezes não é só o conceito, às vezes não fica bom, né, você fala de um jeito e não fica bom, não pega. Então... o pior é que eu devo ter participado porque eu gostava dessas coisas de dar nome, sabe? “Não, e a sigla? Não sei o que.” Se bobear eu tenho... posso ter sido até eu que tenha sugerido a sigla, eu confesso que eu não lembro. Mas eu lembro da gente ficar naquela sala lá da frente, da coordenação discutindo, discutindo: “Ah, não, é assim, é assim” Enfim, a gente acabava fazendo várias brincadeiras com o negócio do PRODHE, porque o DHE ficou, né. Então tudo era DHE, então teve SEFODHE também (risos), que era a Semana de Formação (risos). Tinha vários nomes que a gente acabava brincando pra descontrair depois de tantas tensões, né. Aí foi legal porque, além do nome, veio toda a marca, né: “E agora, como é que a gente deixa o Esporte e Talento?” E a estrela que está aí na praça, né. Difícil deixar, né? A estrela que também foi construída, teve todo um processo de construção, uma parceria pra construir a logo, a criançada votando e a estrela ficou tão bonita, mas agora não é mais Projeto Esporte e Talento, é outra coisa, tem que dar outro nome, tem que dar outra cara. Foi... e a estrela tão linda lá, como é que você deixa lá na... aí na praça, tal. Mas, enfim, foi interessante.

P1 - E Thati, qual é o seu relacionamento com o programa hoje? Você ainda vem visitar? Como é que é a amizade? Como é que é?

R – Ó, eu... se bobear eu sou a que mais venho aqui. Vou perguntar pra eles que já aqui passou. Nem o Zé, que é marido da Paula, vem tanto. Mas, assim, são meus amigos, todos que aqui estão hoje são meus amigos, então frequentam a minha casa, eu frequento a casa deles, festas, aniversários de filhos. Agora tá todo mundo cheio de filho já. Então a gente costuma se encontrar nos eventos sociais, eu os convido e sou convidada também. Venho pra cá... agora eu trabalho em outro lugar e tem uma aproximação que foi motivada por mim mesmo, por eu ver que é possível essa aproximação, então eu me encontro agora a trabalho também, então a gente tem algumas coisas juntas a trabalho, coisas ainda pra amadurecer, mas tem uma relação forte ainda. Então eu tenho uma relação com as pessoas que aqui estão e com o programa também.

P1 – Fala um pouquinho sobre o seu trabalho atual. O que você faz?

R – Eu trabalho no SESI São Paulo hoje, entrei lá em janeiro do ano passado, trabalho na sede administrativa e a minha... eu entrei como especialista em esporte, agora eu sou especialista em qualidade de vida, porque eles vão mudando o nome, mas é a mesma coisa, né. O que eu faço? Eu faço parte de uma gerência que se chama Gerência... hoje... também mudou, mas hoje é uma Gerência Executiva de Esporte e Vida Saudável, que é responsável pela área de esporte do SESI. E aí a minha... dentro dessa gerência tem várias supervições, a minha supervisão é a Supervisão de Esporte mesmo, ela cuida da educação física escolar até o alto rendimento do SESI. Então tem a educação física escolar, o esporte escolar, que os alunos tem aula... como boa parte das escolas do SESI são período integral eles tem, além da aula de educação física, eles tem duas aulas de esporte, então esse é o esporte escolar. Tem um programa que chama atleta do futuro, que é um programa de formação esportiva aberto pra comunidade, tem um programa que chama treinamento esportivo, que é um programa... que seria uma transição desse programa de formação pro rendimento esportivo. Então aqueles que tem potencial e interesse em se tornar atletas tem essa... aumento de volume, aumento de carga, tal. E o rendimento esportivo em várias modalidades, né. Então a minha supervisão cuida de tudo isso e cada especialista é responsável por um programa entre outras coisas. Hoje eu sou responsável pelo esporte escolar, então eu respondo, sou responsável por pensar o esporte escolar, por articular com as equipes que estão nas unidades, né, que estão executando. E sou responsável também pelo rendimento... handebol do rendimento. Então a gente vai começar, agora em agosto, voltei ao handebol (risos). A gente vai implantar o handebol como modalidade de rendimento esportivo no SESI, agora, na cidade de Araraquara. E aí eu sou responsável também por fazer essa mediação junto à unidade de Araraquara. Entre outras coisas que sempre sobra pra fazer, mas basicamente é isso. Enfim, aí, uma coisa muito legal lá no SESI é que ele tem uma estrutura de esporte muito forte e muito alinhada, então eu não conheço um clube que tenha uma condição de fazer isso do jeito que o SESI tem, principalmente conceitualmente, né. E aí, por essa aproximação, eu vejo muita relação com o PRODHE. O ano passado eu fiz e trouxe alguns colegas pra fazer um curso que eles deram aqui de modelos de formação de educação esportiva, comecei a fazer parte de um grupo de estudos sobre o modelo que eu acabei implantando no esporte escolar. Enfim, aí tem várias conversar pra cursos, eventos juntos, que eu vejo bastante sintonia entre as coisas que a gente faz.

P1 – Pra ir um pouquinho mais pra vida pessoal. Você falou em diversos momentos do seu namorado, que virou seu marido.

R – Virou.

P1 – Conta pra gente essa história.

R – Então, vamo lá. Eu conheci o Luís quando eu entrei na faculdade, ele era o meu veterano, um ano mais velho que eu. Foi eu basicamente que

escolhi: “Ah, é você que eu quero namorar.” Foi engraçado a história. Depois de alguns foras ele se rendeu, me deixou... brincadeira, viu? Teve sorte porque eu devia ter desistido. Me deu alguns foras e aí ele resolveu assumir, a gente começou a namorar no meu segundo ano de faculdade. Então foi praticamente a faculdade inteira namorando. Ele morava aqui, sempre morou em Pinheiros, então era uma válvula de escape ótima porque às vezes eu saía daqui seis horas, um baita trânsito, ia pra casa dele, jantava e depois ia pra minha casa. Às vezes dormia por aqui mesmo. Final de semana tem que chegar sete horas por causa de um Olipet, voltar lá pra Zona Leste, pra acordar cinco horas da manhã, né. Então foi também útil namorar com ele, né. Enfim, aí a gente namorou por sete anos. Nesse meio tempo... tô falando toda hora que eu morava na Zona Leste, mas eu me formei, passei a trabalhar aqui e um ano depois que eu tava trabalhando aqui eu cansei dessa vida de atravessar a cidade e tava querendo... minha casa tava conturbada, a relação dos meus pais, eu estava querendo arejar e aí eu vim morar aqui do lado, na M.M.D.C, aqui pertinho. Morei por dois anos e meio aqui com duas amigas, vinha de bicicleta, ia almoçar em casa. Sonho de consumo, trabalhando aqui. Só que chego uma hora em que eu cansei também. Aí uma leve pressão nele e falei: “Bom, se você não for morar comigo eu vou morar sozinha.” Aí a gente foi morar junto, a gente morou junto por três anos até que: “Vamo casar.” Aí a gente casou em 2010. Em 2011 tivemos nosso primeiro filho, Felipe. Em 2013, nosso segundo filho Vitor, que tá com um ano e oito meses agora. Ele é técnico de basquete, então é bom porque a gente é da mesma área e a rotina dele é diferente da minha, porque ele é bem da quadra mesmo, então jogos, final de semana, falei: “Meu, ainda bem que eu sou da área, porque se eu não fosse eu já tinha te matado.” Porque eu sendo da área já fico impaciente com esses finais de semana sem rotina, sem poder programar alguma coisa, né. Mas é bom porque aí a gente tem.. eu adoro esporte e ele também, então muitos programas nossos, né... como eu estava falando, tudo gira... acaba girando em torno do esporte. Então eu vou assistir jogo dele, a gente vai assistir as coisas juntos, leva os meninos juntos. Então é tudo nessa parceria.

P1 – E você continua praticando esporte?

R – Continuo. Depois que eu me formei a gente... esse grupinho que fazia parte da seleção da USP, boa parte se formou meio na mesma época, então acabou os campeonatos universitários pra gente e a gente ficou: “O que a gente vai fazer?”, né. Aí a gente montou um time, juntou a galera...

P1 – Vamo lá Thati, você tava falando que você continua jogando handebol.

R – Isso, exatamente. A gente formou essa equipe depois que a gente se formou, mais ou menos na mesma época, e começou a jogar uns campeonatos alternativos amadores, né. Então, Jogos da Cidade, a gente foi pentacampeão do Butantã (risos). Nos Jogos da Cidade a gente chegou à fase final e teve um... a gente chegou a uma final dos Jogos da Cidade e foi transmitido pela Band, eu não sei se era BandSport ou Band, mas uma raiva porque a adversária era a UniSantana, a UniSantana é uma faculdade que dá bolsa pra atleta, então tinha menina da seleção brasileira da época jogando, falei: “Meu, vai jogar o Pan-Americano, a Olimpíada e me deixa joga os Jogos da Cidade.” Foi tipo 40 a 11 que a gente perdeu, mas enfim, valeu. A gente jogava um campeonato amador também muito bom, que entravam umas equipes que não tinham condição de pagar a federação, assim, foi bem legal. A gente teve áureos tempo. E aí uma vai engravidando, a outra também, uma vai viajar pra fora, o time foi morrendo, a qualidade nossa também foi diminuindo porque já não consegui mais treinar. Foi minguando um pouco essa equipe. Só que nesse meio tempo surgiu uma outra equipe, a gente fez um amistoso uma vez, e aí como a gente morreu elas convidaram algumas meninas do nosso time pra jogar com elas. Eu não fui na época porque eu tava grávida do meu segundo filho e aí, enfim, pãrãrã pãrãrã, agora que eu consegui me organizar, então eu voltei, desde janeiro eu estou jogando com elas, a gente treina uma vez por semana. Muito legal que eu tô conseguindo, assim, mais ou menos, porque eu tenho dois pequenos, o marido trabalha à noite, então tem que chamar tia pra vir de São Caetano ajudar, fazer um esquema pra eu conseguir jogar e jogar de final de semana, porque eu gosto muito. Faço outras atividades, estou correndo e tal, mas eu gosto mesmo é de jogar handebol.

P1 – Thati, agora umas perguntas mais reflexivas. Qual o seu maior sonho pro futuro, de realização pessoal?

R – Puxa. Não tenho nada muito concreto, viu? Tô seguindo, tô caminhando, mas eu gostaria muito de poder, assim, fazer algo... continuar fazendo... acho que eu faço coisas que são importantes pro esporte, mas de fazer algo grande, fazer algo importante, que eu me satisfaça. Então, por exemplo, hoje eu faço uma coisa que me deixa muito feliz e tal, já teve tempos em que eu queria trabalhar como professora universitária na... sempre pensando na formação. Aí os rumos vão tomando outras coisas, a gente segue... pensa assim, mas aí faz isso, aí a gente tem que seguir. Mas eu não tenho algo muito concreto não, acho que é de continuar nesse caminho, acho que é de ter sempre o que fazer com o esporte, né, eu não consigo me ver fazendo outra coisa. Às vezes eu acho que isso é bom porque eu sou focada, tenho claro, mas por outro lado eu fico pensando se eu não deixo algumas outras portas... nem olho pra portas que podem se abrir, né, mas por enquanto vou seguindo por aí que tá dando certo.

P1 – E o que você achou de contar a sua história pra gente?

R – Foi legal, na verdade eu já estava contando pra mim mesma, né, depois que a Luiza entrou em contato, foi... eu vou brincar com o Marcos porque, quando ele comentou, eu falei: “Pô, eu não vou ser chamada pra contar a minha história?” (risos) Deve ter me colocado no roteiro sob pressão. Mas foi muito legal porque eu dou muito valor ao período em que eu passei aqui, por tudo o que eu vivi, tudo o que eu aprendi, tudo o que eu construí, assim, é difícil a gente... não dá pra falar com exatidão, mas muito do que eu sou, profissionalmente e pessoalmente, eu devo à experiência que eu tive aqui, às pessoas com quem eu vivi, à estrutura que eu vivi. Eu lembro uma época que eu tava trabalhando aqui e em outro lugar, que eu chegava assim: “Mas vocês me ensinaram tudo errado! Porque não existe essa de diálogo. Que construção dialógica? Isso só existe aqui.” Eu ficava brava porque eu não consegui ter um ambiente tão positivo, digamos assim, em outros lugares. Então foi gostoso reviver, eu procurando, eu falei: “Não, preciso achar uma foto dos Pequenininhos que foi um grupo muito gostoso de trabalhar, né.” E eu não achava minhas fotos, eu não tinha... fiquei procurando ontem no computador, não tinha digitalizado e aí hoje eu achei, falei: “Aí, que bom que eu achei aqui.” Aí ver a carinha dos sapecas foi muito legal, muito bom lembrar, né. Porque tá... é muito vivo, assim, eu sinto que é muito vivo, mas pensar em cada um dos momentos, ter os flashes é gostoso.

P1 – Então, Thati, em nome do Museu da Pessoa e do PRODHE, eu agradeço muito a sua participação, viu.

R – Imagina, obrigada vocês. Vou falar pro Marcos, obrigada por lembrar de mim, assim tão espontaneamente. (risos) Obrigada.